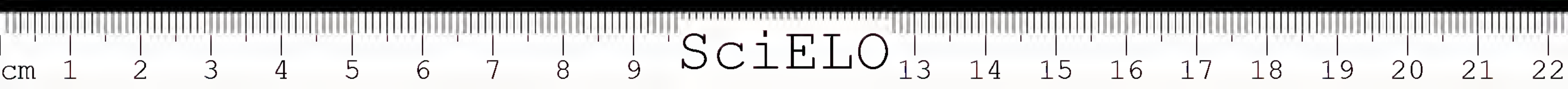
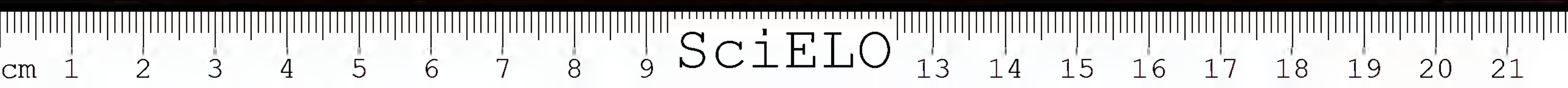

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 SciELO 13 14 15 16 17 18 19 20 21


cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9
SciELO
13 14 15 16 17 18 19 20 21 22


cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 SciELO 13 14 15 16 17 18 19 20 21

Exemp. 2

Memorias do Museu Gœldi

(Museu Paraense)
de Historia Natural e Ethnographia

I

Excavações archeologicas em 1895

Executadas pelo Museu Paraense
no Littoral da Guyana Brazileira entre Oyapock e Amazonas

1.ª Parte

As cavernas funerarias artificiaes de Indios hoje extinctos no Rio Cunany (Goanany) e sua ceramica

PELO PROFESSOR

DR. EMILIO AUGUSTO GOELDI

DIRECTOR DO MUSEU PARAENSE

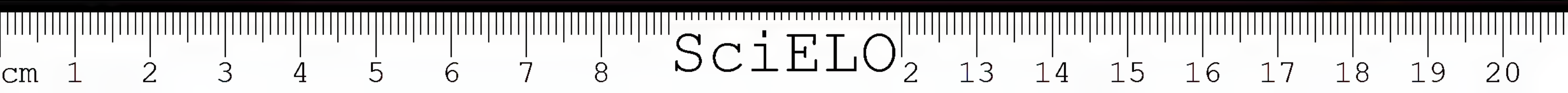
(Com 4 estampas feitas no mesmo Museu)



PARA' (BRAZIL)

Estabelecimento Graphico C. WIEGANDT-Pará.

1905.


SciELO

INTRODUCÇÃO

> *«Em um paiz, como o Brazil, onde os principaes monumentos dos povos indigenas consistem simplesmente em artefactos de barro, mais ou menos habilmente trabalhados, é indispensavel para o interesse da Sciencia, para o proprio credito dos escriptores e, até certo ponto, para os brios da nossa nacionalidade, que na descripção de cada um d'esses mudos testimunhos de uma civilisação extincta, haja sempre, além de um estudo aturado e paciente, o maior criterio e a mais escrupulosa exacção, para que os Anthropologistas, nacionaes e estrangeiros, que não tiveram opportunidade de estudal-os nos seus proprios originaes, acceitem com inteira confiança os resultados dos nossos trabalhos, com a certeza de não serem illudidos em seus juizos e conclusões».*
>
> FERREIRA PENNA (1877)

> *«In savage America the manufacture of Pottery falls everywhere to the lot of woman, since, as it is a branch of cooking, she, having the charge of domestic affairs naturally makes the vessels in which to prepare food. But the Indian woman not only makes the pottery, she also ornaments it»*
>
> CH. F. HARTT (1875)

O Museu Paraense resolveu em 1895 organisar uma primeira expedição scientifica á Guyana brazileira, especialmente ao littoral entre o Oyapock e o Amazonas. Realisou-se ella nos mezes de outubro e novembro. Principiou-se com a exploração da região entre os rios Cunany (Goanany) e Cassiporé. A segunda parte da viagem foi destinada ao estudo do Amapá e da zona dos lagos visinhos. Nunca tinha sido visitado por naturalista algum este paiz, que constituia uma «terra incognita» no sentido pleno do termo.

Assaz satisfactorios poderiamos chamar os resultados obtidos durante esta interessantissima, porem penosa campanha; infelizmente liga-se a elles para sempre a amarga reminiscencia da perda de um dedicado e talentoso companheiro nosso.

Varios fructos scientificos prendem-se a esta expedição. Diversos entre elles já acharam sua publicação no correr do tempo, em differentes logares e linguas; outros ainda estão em phase de preparação. Eis a synopse dos trabalhos já publicados:

I). Itinerario e descripção geral da expedição: «Eine Naturforscherfahrt nach dem Littoral des südlichen Guyana zwischen Oyapock & Amazonenstrom.» — Von Dr. E. A. Göldi.

(Jahresbericht der Naturforschenden Gesellschaft zu St. Gallen (Schweiz) 1896-1897—93 pag. e 2 estampas),—(em lingua allemã).

[Um resumo d'este trabalho maior foi publicado em «Petermann's Geographische Mitteilungen». Gotha, Justus Perthes, 1897 Heft 3, pag. 59-68; 5 pag. 107-112.

II). Geographia botanica : «Contribuição á geographia botanica do littoral da Guyana entre o Amazonas e o Oyapock». Pelo Dr. Jacques Huber. [Boletim do Museu Paraense, Tom. I, pag. 381-402]. Com 1 chromo-lithographia (em lingua portugueza).

III). Botanica (Cryptogamas) : Dr. H. Christ «Fetos (Filices) do Amazonas inferior e de algumas regiões limitrophes, colleccionados pelo Dr. J. Huber». Bulletin de l'Herbier Boissier, Genève (em francez)e Boletim do Museu Paraense Tom. III, fasc. 1, pag. 60-65 (em portuguez).

IV). Zoologia (Ornithologia) : «Ornithological results of a naturalist's visit to the coastregion of southern Guyana». By Dr. Emil A. Gœldi, C. M. Z. S. [Periodico «Ibis», Londres, 1897 (abril) pag. 149-165 (em lingua ingleza).

V). Geologia (Petrographia) : «Der strittige Golddistrict von Brasilianisch Guyana». Von Dr. Friederich Katzer. Em «Oesterreichische Zeitschrift für Berg-und Hüttenwesen XLV, Jahrg. 1807. (18 pag.) (em lingua allemã).

Em preparação acha-se um trabalho do Dr. J. Huber sobre as novidades botanicas trazidas da viagem; formarão provavelmente uma das futuras «Memorias do Museu Paraense».

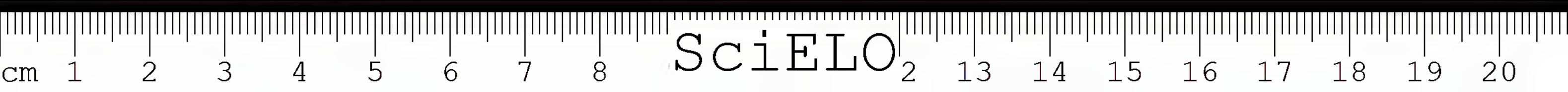
Pelo presente trabalho cumpre-se a promessa anteriormente feita na imprensa scientifica : de tratar dos resultados archeologicos e ethnographicos d'aquella expedição, especialmente da ***importante colheita em productos ceramicos de Indios hoje extinctos, por nós descobertos n'um necroterio indigena situado n'um affluente esquerdo do Rio Cunany*** *(Counany). Esta collecção extremamente valiosa acha-se no Museu Paraense, do qual constitue verdadeira ornato ao lado das outras collecções ceramicas provenientes dos rios Maracá e Ananerápucú (segunda expedição scientifica do Museu Paraense á Guyana - julho a setembro 1896) e da Ilha de Marajó. D'este successo deve o Museu Paraense parte leonina á habilidade e experiencia do nosso amigo e prestimoso companheiro de viagem Sr. Tenente-Coronel Aureliano Pinto de Lima Guedes, do Pará. O mesmo acontece em relação á colheita da segunda expedição supramencionada, não menos notavel como provarei em outra Memoria, em via de organisação, especialmente destinada á ceramica pre-historica dos ditos rios. Summo prazer nos é reconhecer publicamente, aqui, em occasião propria, tal divida de gratidão.*

Se a nossa publicação tardou, foi principalmente — abstracção feita de accumulação de muitos outros trabalhos e affazeres — porque a confecção das estampas, nas quaes reside inquestionavelmente a parte melhor do seu valor, exigiu dilatado tempo e especial cuidado. O nosso intento era dar estampas, primorosamente executadas que por si só podessem orientar sufficientemente a ponto de tornar cousa secundaria um texto descriptivo. Creio que alcançamos o nosso alvo e com satisfação registramos, que o publico interessado, ao nosso ver, «não perdeu, por esperar» — como diz o rifão popular. As estampas são (com excepção unica da méra impressão e tiragem) obra do Museu Paraense de principio a fim.

Encerramos estas linhas introductorias com a advertencia ao benevolo leitor, de que a nossa notavel collecção de productos ceramicos de Indios hoje extinctos no rio Cunany figurou entre o material demonstrativo na minha conferencia publica, acerca « O estado actual dos conhecimentos sobre os Indios do Brazil, especialmente sobre os Indios da Foz do Amazonas no passado e no presente» (realisada no Museu Paraense em 7 de dezembro de 1896) e publicada posteriormente tanto na «Provincia do Pará», como no «Boletim do Museu Paraense» Tom. II, pag. 397-418) e que, no correr d'aquella conferencia já me occupei de um modo summario da ceramica dos antigos Cunany-uáras, accentuando o saliente logar que lhe compete no estudo da arte indigena, como na elucidação do complexo problema ethnologico relativo aos povos, que em tempos idos, quer prae—quer post-columbianos, habitavam a foz do Amazonas e regiões adjacentes.






cm 1 2 3 4 5 6 7 8
SciELO
2 13 14 15 16 17 18 19 20

I

As cavernas funerarias do Rio Cunany, sua situação topographica e circumstancias especiaes da descoberta

Indagando nós desde o primeiro dia da nossa chegada na aldêa do Cunany (Guanany), se nada constava acerca de reminiscencia dos Indios primitivos, moradores d'aquella região, pouco soube o povo dizer-nos a respeito. Este pouco consistiu na informação de que de vez em quando casualmente se achavam, ora aqui, ora acolá, restos de louça antiga, cacos de bacias, potes, etc. Disseram-nos mais, que por occasião de uma renovação da capella, cavando-se a terra para a collocação de esteios para a tosca torre, que devia receber os sinos, os quaes ainda hoje se veem, encontraram-se potes inteiros ainda, de mui boa conservação, bonito aspecto e bellos desenhos, contendo alguns d'entre elles agua clara e limpida, como que posta hontem—agua, a que o ingenuo pensar d'esta gente attribuiu não sei quanto de mysterioso e sobrenatural. Se não me engano, alguns d'estes potes fôram parar a Cayenna, levados por uns padres francezes uns annos antes. ([1])

Algum tirocinio porém adquirido em viagens anteriores á Ilha de Marajó acerca dos costumes sepulchraes dos antigos Indios residentes na foz do Amazonas, fez-nos esperar, que proprias investigações e pesquizas talvez não ficassem sem resultado. De facto, de inesperado successo já foram coroados os nossos primeiros passos na procura de localidades dignas de excavações archeologicas. N'uma exploração do Igarapé do Hollanda, tributario esquerdo do rio Cunany, desemboccando no rio-mar pouco abaixo da villa, descobriu-se n'um morro, chamado Monte Curú, uma pedra lavrada, quasi como um d'aquelles marcos, em toda a parte usados para limites de terrenos. Este pedaço de granito [granitito mais precisamente designado, (Estampa de orientação fig. I (m.), Estampa III, fig. 20) que depois foi encorporado á nossa collecção, e até submettido a detalhado exame petrographico por parte do Dr. Katzer no trabalho mencionado na introducção, pags. 7-10] estava em posição obliqua, quer intencional, quer casual por queda posterior. Reflectindo-se sobre a sua significação, não se tardou em descobrir, que elle marcava o meio entre dous grandes discos, granitos tambem («calottes» d'aquelles blocos, que em avultado numero se notam no curso superior do rio, onde formam as cor-

---

([1]) Talvez se refira a isto a historia que vejo em certo trecho do volumoso porém não muito substancial livro de H. Coudreau «La France Equinoxiale». Escreve elle no Vol. II, pag. 10 capitulo «Excursion à Counani» : «Je mis á profit la bonne volonté... pour faire executer des fouilles de ci et de là et particulièrement sous l'église alors en reconstruction (aidé par M. Le Beller, prètre de Cayenne, en tournée apostologique dans ces parages)... J'eus le bonheur de voir mes patientes investigations couronnées de succés: je trouvai, dans um puit funéraire situé au milieu du tertre sur lequel se construit la nouvelle église, sept urnes cinéraires en parfait état de conservation», (junho—julho 1883).

redeiras e cachoeiras). Estes discos por sua vez eram as tampas protectoras, (que por causa do seu peso não conseguimos trazer, posto que tal era o nosso desejo) que cobriam duas espaçosas cavernas (Estampa de orientação Fig. 1, a, b; Fig- 2) (t), artificiaes e de forma particular.

Foi com a mais agradavel surpresa e bem comprehensivel jubilo, que se verificou serem estas cavernas repositorios intactos de rica, variada e optimamente conservada ceramica funeraria indigena.

Foi com indiscriptivel satisfação que se explorou os thesouros d'esta valiosa mina archeologica e cada novo vaso, posto á superficie, provocou ruidosa manifestação de alegria. O desenterramento d'estes alguidares e potes, de formas tão originaes quão estheticas, de desenhos e pinturas artisticas e tão frescas, como se tivessem sido feitos hontem, não era realmente para menos!... Fez-se o serviço com o maximo cuidado.

Será util reproduzir textualmente aqui a relação, que do acontecimento deixou o nosso companheiro, especialmente encarregado do serviço archeologico,—relação impressa no «Boletim do Museu Paraense», Tom. II, pag. 49 seq. (Relatorio sobre uma missão ethnographica e archeologica etc. pelo Tenente-Coronel Aureliano Pinto de Lima Guedes)..., servindo de guia illustrativo ao leitor a nossa estampa orientativa, que dá idéa exacta de todas as cirumstancias e factores essenciaes:

«Na margem esquerda, a cerca de 400 metros acima da embocadura no igarapé do Hollanda, que desagua na 5.ª cachoeira, junto á villa de Cunany, na margem esquerda do rio d'esse nome, encontra-se pequena vereda que conduz á casa do forno do Sr. Ezequiel Constancio de Souza; subindo ahi uma pequena collina chamada «Monte-Curú»—encontrei quasi ao cimo d'esta dous depositos de igaçabas muito particulares pela sua forma, cuja presença era indicada por um pedaço de granito em forma de alongada pyramide quadrangular truncada.

A uns oito metros de cada lado d'este marco, achava-se um disco de granito tendo $1^m,50$ de diametro e 14 centimetros de espessura.

Removido a muito custo este disco, nos deixava ver um poço com cerca de $2\ ^1/_2{}^m$ de profundidade e, mais ou menos $1^m,20$ de diametro.

Descendo ao poço, vi do lado de O, um logar cavado em forma de semicirculo com um raio mais ou menos de $0,^m90$, tendo seu sólo nivelado com o do poço e a sua abertura voltada para este.

O tecto d'este escavado tem a forma de meia esphera imperfeita, cujo zenith, na parte interna desce regularmente até nivelar-se com o sólo d'este escavado.

Emprego o termo—escavado—porque realmente foi escavado pelos indios, ao contrario notar-se-ia sobre a abobada terra que teria sido revolvida, ao passo que o corte n'este poço indica terra primitiva que, de modo algum foi revolvida.

N'este escavado, que para mim representa o verdadeiro papel de mausoleo, é que estavam collocadas 18 igaçabas (um conhecido autor francez em seu livro dá apenas 7 igaçabas em cada poço) de diversas formas e tamanhos, notando-se duas a duas semelhantes. O logar mais central era occupado pelas maiores, e as menores enchiam o resto do espaço.

A figura 2 representa o mais approximado possivel o corte vertical em perfil do referido poço.

Essas igaçabas em sua totalidade continham fragmentos de ossos calcinados, que, pela sua abundancia, supponho que encerrava cada uma restos de mais de um individuo.

Umas igaçabas tinham formas de alguidares com pequenos buracos praticados no

fundo; outras tinham mais ou menos a forma de uma bandeja ornamentada nos quatro cantos; uma tinha quasi a forma de um chapéo armado collocado sobre um pequeno cylindro; duas em forma de grandes espheras sobremontadas de pescoço alongado e amplo. A mór parte d'ellas tinha a forma de potes de grande bôjo, com pescoço largo ornamentado com um desproporcionado rosto de indio. Do bôjo partiam braços e pernas quasi em miniatura.

De cada par, umas tinham orelhas furadas e seios, o que me faz suppor que continham restos de pessoas do sexo feminino; outra não tem seio nem orelhas furadas, o que me leva a crêr que encerrava restos de individuos do sexo masculino.

Todas ellas, excepção feita dos dous potes grandes, por cima de uma camada esbranquiçada de resina de jutahycica, eram ornamentadas com pinturas de diversas formas e gostos. Proximo ao local d'esses dois mausoleos, do outro lado da collina, existe um enorme massiço de granito.»

Retiraram-se d'esses poços sepulchraes 18 vasos (alguidares, potes etc.) inteiros além de fragmentos, azas provenientes de outros vasos (Estampa III, fig. 22) quebrados evidentemente já na época da origem dos poços. Orientam sobre o aspecto da collecção toda, bem assim sobre as dimensões respectivas, as trez séries de figuras no centro da Estampa I.

Em outros objectos archeologicos obtivemos no Cunany unicamente um machado de pedra (Estampa III, fig. 21) pequeno, tendo 7 cm. de comprimento sobre 5 cm. de largura com entalhe arredondado acima do meio interessando quasi toda a peripheria. O material é pedra verde, um «diabase» conforme determinação do nosso geologista no Museu Paraense, sendo digno de menção, que de um grande numero de machados de pedra de diversas localidades da Amazonia inferior, que no correr dos annos vieram, accumular-se n'este Museu, o material é o mesmo de todos ou pelo menos muito semelhante—facto este interessante tanto do ponto de vista ethnographico, como do ponto de vista geologico. [1] A frequencia de machados de pedra do mesmo material póde por um lado ser explicada por um trafico intensivo entre tribus de Indios distantes uns dos outros, mas póde constituir por outro lado tambem um argumento para a larga extensão das jazidas que forneceram a materia prima. E de facto, pelas viagens do pessoal do Museu ficou demonstrada a existencia do grupo de diabase no littoral da Guyana, no lado esquerdo da foz do Amazonas, como no rio Guamá superior, do lado direito, aliás ambos pontos bastante distantes do curso hodierno do grande rio. Isto estabelecido, é visivel que os Indios antigos acharam sua materia predilecta para machados de pedra — rochas de grupo de diabase — não n'uma unica localidade amazonica somente, mas em muitas e que com excursões curtas de poucos dias para as jazidas, podiam munirse directamente do material preciso, quer n'um, quer n'outro lado do Amazonas.

Não penso que os thesouros archeologicos do Cunany fossem exgottados com as nossas excavações, pelo contrario ainda haverá para fazer e nós mesmo conhecemos lá ainda localidades, onde resultados se haviam de colher e que nós deixamos de explorar n'aquelle tempo pela simples falta de tempo.

Chegando ao Amapá, outra vez não tardamos em descobrir ceramica antiga. A

---

[1] Convém lembrar que inteiramente a mesma predilecção para as pedras verdes («Grünstein» «Diabase») se revela tambem nos artefactos da epoca neolithica da Europa central, sendo este material o mais usado pelo homem de remota antiguidade em territorios que correspondem a Suissa, Allemanha e Austria actuaes.

não pequena surpresa da população indigena, reconhecemos que toda a elevação em que se acha hoje a povoação d'este nome, não é outra coisa senão um aterro sepulchral, um «teso» artificial, no sentido que a este termo se costuma ligar por parte do povo no triangulo pastoril da Ilha de Marajó. Fallei d'esta observação circumstanciadamente no meu trabalho allemão, contendo o itinerario da nossa viagem (pag. 65). Logo nas primeiras horas achamos urnas em trez ou quatro logares situados na propria povoação em frente da igreja e da escola, etc., e os gargalos de semelhantes vasos, apparecendo debaixo da forma de circulos distinctos, eram visiveis no meio de uma das ruas de maior transito, pisadas todos os dias e a todas as horas pela gente de lá, que antes nada disto sabia. E lá ainda estarão, gastando-se aos poucos, até desapparecerem completamente com o arrazamento do solo ambiente! As escavações, porém, a que procedemos, ensinaram-nos que as urnas de lá eram de feitio tosco, da apparencia de simples moringas, sem arte e sem ornamentos quer plasticos, quer pintados. Sendo além d'isto o solo muito duro, compacto e resequido por prolongada secca, na occasião da nossa estadia (fins de outubro e novembro), difficultando extremamente o trabalho, não insistimos no serviço. Um tanto mal acostumados já, por assim dizer, pela extranha belleza da ceramica encontrada mais ao Norte no Cunany, as urnas lisas e mal geitosas do Amapá não nos pareciam mais apresentar equivalente justo para o suor, que nos ia custar a continuação de rude fadiga.

Tivemos noticias relativas á existencia de antiga ceramica indigena tanto na zona da bahia de Mayacaré, ao norte do Amapá, como em outra região do alto rio Tartarugal, á distancia de dias ao Sul e Suéste da dita povoação. O estado precario de saúde do nosso pessoal frustrou todavia a execução dos nossos projectos, de explorar estas localidadades. (1)

---

(1) O precitado H. Coudreau escreve (loc. cit) pag. 49, ter visitado um cemiterio indio no Tartarugalsinho, levando quatro urnas «d'un travail grossier, sans ornament, en mauvaise argile.» Diz que cada uma tinha «un petit convercle muni de trous pour la fixer», e que uma ou outra continha ossos e «perles blanches et bleues, grosses comme des grains de blè», ou «grosses perles rouges et bleues». Informa que umas urnas foram parar em mão de certo «prétet apostologique», ao passo que as outras foram presenteadas por elle mesmo ao Governador de Cayenna.

II

Descripção e medidas dos vasos

(Estampa I, 1—Est. III, 1 a, 1 b, 1 c)

N.º 1

Vaso em forma de pyramide rectangular truncada, inversa, comparavel a uma bandeja. Medidas :

M.E. (¹) Comprimento (margem superior)=50cm
M.I. « (margem inferior)=33 ½cm
M.E. Largura (margem superior)=41cm
M.I. « (margem inferior)=23cm
M.E. Altura total=24cm
M.I. Profundidade=9cm

Este vaso de forma exquisita, talvez nunca ou pelo menos rarissimamente encontrada até hoje nos productos ceramicos dos Indios sul-americanos, é um captivante conjuncto quer do ponto de vista do feitio esthetico e das proporções felizes, quer d'aquelle dos desenhos e dos ornamentos plasticos.

No meio dos lados lateraes vê-se uma aza, representando um animal, á primeira vista reconhecivel como *acutí-purú* (Sciurus), pequeno roedor tantas vezes decantado nas lendas e cantigas dos Indios amazonicos e ainda hoje figura mystica, symbolo da somnolencia (²). Seria demasiada audacia, suppor aqui uma delicada allusão ao somno eterno, desejado para os despojos mortaes de queridos entes?

Os dois acuti-purús são executados com verdadeira desenvoltura artistica, alcançando o seu fim sem pedantismo. A cauda apparece toda enroscada em espiral. Sobre as quatro esquinas eleva-se um prolongamento, terminando em uma figura allegorica, que se parece mais com um qualquer passaro, em posição de vôo, tendo extendidas as azas e cauda, ao passo que a cabeça com o bico olha para dentro, no sentido da diagonal da bandeja. Corre ao redor do vaso, pelo meio mais ou menos entre fundo e margem superior, uma saliencia crenulada (um tanto avariada infelizmente em alguns lados). A chapa do fundo sobresahe um pouco.

O desenho compõe-se, quanto ao interior, de linhas em agrupamento de gregas, porém ondeadas, em tinta encarnada (urucú) nas paredes; o fundo todavia deixa ver um outro typo, original e bello ao mesmo tempo : são umas virgulas grossas, todas

---

(¹) As iniciaes M.E. e M.I. significam respectivamente medida exterior e medida interior.

(²) Basta ver o que nos diz já o antigo Baena, pag. 85, do seu «Ensaio Chorographico» (Pará 1839) : «O opulento somno d'este animal é objecto da cantiga com que as Indianas costumam adormecer os seus filhinhos — Acuti-purú ipurú nerupecê cimitanga-miri uquère uaruuaina [Acutipurú empresta-me o teu somno para a minha criança tambem dormir].

agrupadas em pares, oppostas umas ás outras, com a sua concavidade. A opposição é todavia excentrica na maioria dos casos. [1] Este desenho *virgular* é digno de especial attenção, por voltar repetidas vezes ainda nos outros vasos da mesma localidade.— Quanto ás linhas ondeadas [2] na face interna das paredes lateraes, são ellas de igual grossura, com excepção dos logares onde duas linhas se encontram ou onde uma linha se bifurca. Lá ellas se engrossam singularmente, dando origem a umas figuras em forma de Y, que são as partes mais visiveis de todo o desenho. Estas figuras ypsyloides adquirem, ao meu ver, certa importancia, pelo facto de serem frequentemente observadas tambem na ornamentação ceramical dos necroterios da Ilha de Marajó.

Os espaços triangulares entre os dois galhos do Y são aproveitados para ornamentos secundarios menores apropriados, ou um pequeno triangulo, ou um T branco sobre fundo vermelho [3].

O fundo da bandeja é provido de 3 series longitudinaes de furos circulares, atravessando toda a grossura, de sorte que são igualmente visiveis á vista inferior.—O interessante vaso, unico no seu genero na collecção, continha parcos residuos de cinzas e de ossos calcinados, misturados com particulas de terra.

(Estampa I, fig. 2.—Estampa III, 2 a, 2 b)

N.º 2

Vaso, em forma de alguidar, com duas zonas equidistantes. Medidas :

Diametro da bocca=49cm
M.I. Profundidade=19cm
Largura da zona superior=10cm

Bello vaso circular, relativamente raso. A beira da bocca é engrossada, saliente sobretudo do lado exterior.

A ornamentação plastica consiste em duas figuras oppostas em relevo, na zona superior, representando sem duvida alguma uma gia («perereca»), uma especie de Hyla. Tambem aqui não será inutil de lembrar que ha boas razões para suppor que o amphibio figurado seja propriamente o celebre «cunnuarú» (julgo que deverá ser «cunhã-arú»—mulher-sapo, por onomatopea, soando a voz d'esta Hyla proferida em noite de

---

(1) Correspondem mais ou menos com aquillo que o Prof. Hartt (Evolution in Ornament, pag. 271) chamou «cartouches», em relação á ceramica marajóara, com a differença, porém, que não constituem aqui linhas ou traços envoltorios para separar um systema de desenho de outro identico. As virgulas são usadas aqui por si só, com exclusão de outro desenho intermediario qualquer.

(2) Não são propriamente «figuras sigmoideas», no sentido do Prof. Hartt [Evolution in Ornament, pag. 272.] Considero-as antes como gregas arredondadas («frets with rounded corners»).

(3) Os ha tambem na louça india de Marajó, como observou já em 1875 o Prof. Hartt. Elle escreveu (pag. 272): «With the culture of the sigmoide curves much vaccant space is left in the border, which will look better if filled in with ornament. In Brazil I have found little triangles drawn in these spaces as in Fig. 13, while exactly the same border is found in Etruscan art.»

Acerca da litteratura relativa á ceramica indigena no Amazenas veja o fim do presente trabalho.

luar, como «cunhã.—cunhã», etc.). O povo amazonico sabe o papel importante, que é reservado a esta Hyla na lenda indigena, como no folklore hodierno; conhece igualmente a reputação de que goza a resina, com a qual faz a sua panella de procreação no ôco do páo silvestre. Leia-se o antigo Baena, *Ensaio chorographico sobre o Pará*, pag. 115. Nós podemos accrescentar mais alguma cousa, que talvez não seja tão conhecido geralmente : que a resina de «cunhã-arú» era e é ainda especiaria mui usada por certas tribus de Indios nos seus costumes funebres. Em outra occasião fallarei d'isto, produzindo provas e documentos.

É notavel que a perereca mostre, quer n'um lado, quer no outro, e tanto nos pés anteriores como nos posteriores, cinco dedos, sendo os tres medianos os mais compridos. Notavel, digo, porque nem sempre todos os Indios foram muito exactos em questões de arithmetica, como terei occasião de demonstrar em trabalho futuro sobre a ceramica de Maracá. Outra cousa singular é que, um buraco, no lado aboral do tronco, indica evidentemente o anus, todavia representado como recuado um tanto para a face dorsal.

O desenho d'este alguidar é *virgular*, o mesmo de que acima tratamos. Ha uma serie perpendicular, em forma de corôa ou grinalda, na zona superior do lado externo. Volta o mesmo modelo em toda a face interna. As virgulas são maiores do que na bandeja n.º 1. Distincta é a excentricidade.

O fundo é munido outra vez com um numero bastante grande (28) de furos, que passam de lado a lado.

O vaso continha pequeno punhado de fragmentos de ossos, predominando particulas de terra.

(Estampa I, fig. 3 (em baixo—Estampa I, fig. 3 (em cima)

N.º 3

Vaso, em forma de grande pote, com tres zonas na parte bojuda, não contando o gargalo. Medidas :

Diametro do segundo (maior) parallelo=39cm
Diametro do gargalo (bocca)=18cm
M.I. Profundidade=32cm

Não ha ornamentos plasticos em relevo. Pelo contrario é notavel o desenho. É pintada de vermelho a zona inferior (primeira), do fundo. As zonas restantes para cima mostram um desenho de gregas ondeadas, semelhantes áquellas da parede da bandeja n.º 1; todavia o desenho da zona terceira, perto do gargalo, é um tanto diverso do da zona segunda. Uniformente vermelho é de novo a beira da bocca (parcialmente lesada no nosso specimen).

O desenho limita-se á face exterior; a face interior tem a côr natural do barro.

O fundo d'este vaso, em forma de pote, não possue perfurações. Continha quantidade insignificante de terra misturada com residuos de ossos, quasi como triturados.

(Estampa I, fig. 4 — Estampa III, fig. 4)

N.º 4.

Vaso, em forma de alguidar, com duas zonas, das quaes a superior mais larga. Medidas:

Diametro da bocca = 47 cm
M.I. Profundidade = 19 cm
Largura da zona superior = 11 cm

Bello vaso circular, (infelizmente partido no meio), mais alto do que o n.º 2. A estreita beira da bocca, sobresaliente, possue como ornamento plastico em relevo duas diminutas «gias» (pererécas) [Hyla], oppostas uma á outra. Os intervallos de uma á outra occupam duas cobras, com algumas ondulações, sendo visivel a cabeça e cauda.

No meio, entre as duas pererécas, ha, com identica opposição, sobre a face exterior da zona larga, uma figura em forma de T invertido. E' feita de duas linhas em relevo, crenuladas, como a saliencia mediana da bandeja n.º 1. [Na nossa figura 4, Estampa III, sahiu a figura, por um erro de lithographia, simplesmente com traços vermelhos; não sendo de todo exacto n'este pormenor].

O desenho é *virgular*, limita-se porém á zona superior. Quatro fileiras perpendiculares de pares de virgulas formam cada vez um campo, separado do proximo por uma dupla linha, tambem perpendicular. A peripheria da bocca é ornada com uma linha vermelha. Não ha pintura interiormente.

No fundo existem 7 perfurações totaes.

Continha este vaso menos do que um punhado de terra e de pequenos fragmentos de ossos humanos.

(Estampa I, fig. 5 (em baixo — Estampa I, fig. 5 (em cima)

N.º 5

Vaso, em forma de pote grande, com tres zonas na parte bojuda e duas no gargalo. Medidas:

Diametro da bocca = 24 cm
M.I. Profundidade = 36 cm
Distancia da margem da bocca até o segundo parallelo = 20 cm
Diametro do segundo parallelo = 34 cm

Bella urna, embora não de todo symetrica.

O segundo parallelo divide-a em duas partes quasi iguaes. Não ha ornamentos em relevo. A zona inferior, abrangendo o fundo do vaso, é uniformemente pintada de vermelho: o mesmo acontece com a beira alta da bocca. Na segunda zona, de baixo para cima, observam-se dois desenhos: gregas onduladas na parte de baixo, semelhantes ou identicas ás encontradas nos vasos n.º 1 e n.º 3 —; gregas rectilineas, approximadas na parte superior.

Na terceira zona, larga bastante, gregas onduladas, desenvolvidas no sentido da altura (muito parecidas com as de n.º 3), rectilineas, estiradas e achatadas na zona inferior, estreita no gargalo ou pescoço.

O fundo do vaso tem tres furos sómente, em disposição semelhante áquella visive pela figura 18 b, Estampa III.

Continha quasi nada de terra e de restos de ossos humanos.

(Estampa I, fig. 6 (em baixo) — Estampa I, fig. 6 (em cima)

N.º 6

Vaso, em forma de pote grande, com tres zonas indistinctas na parte bojuda e uma larga no gargalo. Medidas:

Diametro maximo = 38 cm
Diametro da bocca = 18 cm
Distancia desde a bocca até o parallelo immediato ao gargalo = 15 cm
M.I. Profundidade = 32 cm

Vaso de forma e pintura verdadeiramente nobres, sendo porém ambos rebeldes a uma descripção resumida: orientam melhor as figuras respectivas. Não pode haver duvida, porém, que a vantagem formal reside principalmente na substituição de rigidas zonas na parte bojuda por suave curvatura do perfil. Faltam ornamentos em relevo.

O desenho é triple: Circumvoluções de um novo padrão em volta da maior peripheria; triples linhas em forma de Ω grego por cima; um mosaico, obtido por estriação perpendicular e transversal no gargalo e a zona immediata por baixo.

A beira da bocca acha-se um pouco lesada. — O fundo d'este pote não mostra perfurações, assemelhando-se n'isto ao pote n.º 3.

Continha uns dois punhados de terra misturados com cinzas e fragmentos de ossos compridos; encontrou-se aqui tambem um dente premolar humano, bastante gasto na face triturante.

(Estampa I, fig. 7 (em cima) — Estampa I, fig. 7 a, 7 b (em baixo)

N.º 7

Vaso, em forma de chapeu virado, com tres zonas, circular na base, oval na bocca. Medidas:

M.I. Bocca, comprimento = 51 ½ cm
M.I. Bocca, largura = 37 ½ cm
M.E. Largura maxima, (aba do chapeu) por fóra = 50 cm
M.E. Largura da aba = 11 cm
M.E. Altura do vaso na extremidade = 31 ½ cm
M.E. Altura do vaso no meio = 27 cm
M.E. Diametro da parte basal = 22 ½ cm

Outro vaso muito original, não menos interessante que a bandeja (n.º 1), e talvez a peça mais caracteristica da collecção inteira. Ainda não encontrei nem descripção nem desenho de cousa identica na ceramica dos indigenas sul-americanos.

É muito satisfactoriamente conservado, faltando apenas a ultima ponta das das azas lateraes: n'estas, o côto do lado esquerdo (fig. 7 a e 7 b), é cylindrico, ao passo que o do lado direito representa uma saliencia laminar, lateralmente comprimida. É pena que não podesse haver senão conjecturas sobre a forma provavel das azas em estado perfeito. Quanto aos mais ornamentos plasticos em relevo, consistem elles apenas em dois processos, situados a curta distancia de cada uma das azas lateraes, ora mencionadas. É clara, pelo menos, a idéa que presidiu á confecção d'estes modelos: são pés de homem ou de qualquer mammifero ou quadrupede em geral. Estabelecido isto, torna-se logo verosimil, que as supra-mencionadas azas, quando intactas ainda, representavam a do lado esquerdo (frente) a cabeça, a do lado direito a cauda de certo animal allegorico, que querer determinar de mais perto seria arriscada empreza.

O desenho consiste em linhas ondeadas, combinadas com gregas, conforme o modo já por diversas vezes citado nos vasos anteriores, em relação ao lado exterior da aba e numa dupla linha de zig-zag na zona do fundo. A beira da bocca mostra uma estria vermelha, larga, 1 $^1/_2$ c. Iguaes linhas, porém mais finas, separam as diversas zonas do lado exterior. Interiormente não ha indicio de pintura.

O vaso não tem perfuração no fundo. Continha uma quantidade maior de ossos humanos, porém sómente dos compridos. Ha uns quatro fragmentos de humerus, femur, etc., medindo de um palmo para baixo. Parecem como quebrados á força.

(Estampa I, fig. 8 — Estampa III, fig. 8)

N.º 8

Vaso, em fórma de alguidar, com duas zonas, das quaes a superior bastante larga. Medidas:

Diametro da bocca = 39 ^{cm}
M. I. Profundidade 21 ^{cm}
Altura da zona superior = 11 ^{cm}

Bello alguidar circular de forma mais apurada do que o n.º 4. Não ha ornamentos em relevo, mas o desenho é muito bonito. A beira divisoria das duas zonas é arredondada; mostra uma linha fina serpenteada, vermelha, marginada de ambos os lados de um campo branco. Os intersticios em cima e em baixo são vermelhos, divididos no meio por um disco claro perpendicular. A larga zona superior é ornada com o mesmo padrão, já por diversas vezes encontrado. Larga banda vermelha corre exteriormente por baixo da beira da bocca.

Interiormente não ha pintura.

O vaso não é perfurado no fundo, como o n.º 7.

Continha pouca terra com fragmentos de ossos no momento de ser retirado da caverna.

(Estampa I, fig. 9 — Estampa II, fig. 9)

N.º 9

Vaso em fórma de pote, com quatro zonas na parte bojuda, além de duas no gargalo, esta com cara humana em relevo. Medidas:

Diametro da bocca = 28 cm
Diametro maximo = 38 ½ cm
M. E. Profundidade = 34 cm

Este pote pode ser taxado de typico, por mostrar particularmente desenvolvido o caracter, para o qual nós adoptamos no presente trabalho o qualificativo *zonario*. As zonas, não menos de seis sobre a extensão toda da altura, são separadas por esquinas assaz salientes, entre as quaes a primeira (inferior), é crenulada por recortes ou chanfraduras verticaes. A zona mais alta, a do gargalo, ostenta como ornamento em relevo os traços de um rosto humano singularmente — e digamos logo — não naturalmente alargado: ha o nariz, a bocca, os olhos, as sobrancelhas, as orelhas. Os desenhos constam: do padrão predilecto de gregas ondeadas na segunda zona; de simples linhas parallelas na terceira; de desenho *virgular* na quarta; notando-se na zona inferior do pescoço alternativamente systemas de riscos horizontaes interrompidos e linhas verticaes, assemelhando-se a escadas. É relativamente larga a beira da bocca. O fundo do pote tem dezenove furos finos.

Continha quantidade diminuta da acostumada mistura de terra com fragmentos de ossos humanos.

(Estampa I, fig. 10 — Estampa II, fig. 10)

N.º 10

Vaso, em fórma de pote, com duas zonas (distinctas) na parte bojuda, além de duas no gargalo e com aza zoomorpha. Medidas:

Diametro da bocca = 21 cm
M. I. Profundidade = 34,5 cm
Diametro maximo da parte bojuda = 6 cm
Altura do gargalo = 6 cm
Distancia da bocca á zona maior 16,5 cm

Este pote surprehende novamente pela nobreza das fórmas como pelo desenho artistico. O caracter zonario é mais pronunciado; suave curva do perfil substitue as rijas esquinas proprias dos productos typicos do estylo, personificado nos vasos n.os 9 e 16 Ha portanto mais parentesco com os vasos n.º 6 e n.º 15.

Um dos ornamentos em relevo, de quatro que havia primitivamente, representa a metade anterior de qualquer animal quadrupede, cabeça, pescoço e as extremidades da frente. Ha incontestavel semelhança physionomica com as cabeças de «mulé» (banquinhos) das urnas tubulares de Maracá e com as dos «jabotys» da Ilha do Pará (productos ceramicos de Indios, hoje igualmente extinctos da margem esquerda do Amazonas inferior, que formarão assumpto do segundo trabalho especial). — Um outro, não opposto, acha-se infelizmente quebrado e não foi encontrado mais.

Pelos vestigios da base do fragmento vê-se todavia que o ornamento era identico ao descripto. Havia um outro par de azas lateraes, com a mesma posição relativa, isto é, occupando as extremidades de um lado do quadrado, e não oppostos no sentido da diagonal. Pelos contornos circulares de sua base, vê-se que eram differentes em feitio do outro par, havendo motivos para suppor que representavam simples cônes (tão frequentes por exemplo na louça indigena de Faro, Ererê, Trombetas etc.).

Desenho: zona do fundo e zona superior do gargalo são uniformemente vermelhas.

Gregas onduladas na metade immediatamente abaixo da maior circumferencia; gregas rectilineas na parte inferior do pescoço. Duas outras cintas porém mostram um padrão novo, composto essencialmente de figuras executadas com trez linhas parallelas em variadissimas direcções, dimensões e feitios. Estas figuras encontram-se tambem nos vasos n.os 6, 14 e 15.

O fundo do pote possue cinco furos grandes.

Continha o vaso pequena quantidade de terra vermelha misturada com pó e fragmentos de ossos.

(Estampa I, fig. 11)

N.º 11

Pote consideravel, de fórma de moringa, de bojo espherico e gargalo alto crenulado horizontalmente. — Genuina «ygaçaba». Medidas:

Diametro da bocca 26 cm
Altura do gargalo = 15 cm
M. E. Profundidade 49 cm
Diametro maximo do bojo 46 cm

Não é difficil reconhecer n'este vaso grande uma «ygaçaba» no sentido verdadeiro da palavra, pois era uma moringa d'agua, semelhante áquellas usadas ainda hoje

em todo o Brazil, porém de dimensões muito maiores. Não ha pintura. A unica ornamentação consiste em dezoito crenulações horizontaes do pescoço e trez linhas serpenteadas por baixo da bocca.

Naturalmente o fundo não tem perfurações, nem tampouco havia residuos de ossos.

(**Estampa 1, fig, 12**)

N.º 12

Pote em tudo semelhante ao anterior, porém de bojo um tanto ellipsoide e de gargalo mais baixo. — « Ygaçaba » tambem. Medidas:

Diametro da bocca = 20.5 ^{cm}
Altura do gargalo = 11 ^{cm}
M. E. Profundidade = 43, 5 ^{cm}
Diametro maximo do bojo = 42 ^{cm}

Destituida de pintura e de ornamentos, com excepção de duas crenulações horizontaes no pescoço e duas linhas serpenteadas por baixo da bocca. A mesma ausencia de furos no fundo e de fragmentos cadavericos.

(**Estampa 1, fig. 13**)

N.º 13

Vaso, em fórma de pote baixo (de duvidosa authenticidade!) Medidas:

Diametro da bocca = 12 $1/_2$ ^{cm}
Diametro maximo do bojo = 33 ^{cm}
Altura do pescoço = 6 ^{cm}
M. E. Profundidade = 28 ^{cm}

Recebi de um morador brazileiro da bocca do Cunany (Igarapé da Roça), de presente uma urna em fórma de moringa. a qual me disseram ter sido achada na região (no monte Mayé, localidade interessante, que infelizmente não pudemos visitar) [1] com

1 Este Monte Mayé, do lado direito da embocadura do rio Cunany é avistado de longe e como se vê distinctamente por uma observação do mappa de Thompson (1783) era procurado pelos antigos navegadores no littoral guyanez, para reconhecer o rumo. E' a unica elevação um tanto consideravel (embora não passe talvez de 80 a 100 metros), que se percebe em todo o littoral desde o Amazonas até além do Cabo Cassiporé. Reconheço n'elle claramente o morro mencionado na relação de viagem de Jean Moquet (1617), pag. 80: « á 30 ou 40 lieuës de ce grand fleuuve [allias aguas do Cabo Norte, além da bocca do Araguary, e não do Amazonas, como a tripolação suppoz. — G.] nous trouvasmes le long

outras, e ser producto dos Indios antigos. Confesso nutrir duvidas acerca da authenticidade: a urna é do feitio das que hoje ainda se fazem na bocca do Amazonas (Breves, Cametá, etc.), e em segundo logar ella recebeu uma forte mão de tinta exteriormente. Não insist'rei n'este vaso, embora a superficie dos logares fracturados mostre o barro pouco cosido, caracteristico da louça antiga.

Tem uma linha saliente, crenulada na divisoria entre gargalo e bojo.

(Estampa I. fig. 14 (em baixo) — Estampa I, fig. 14 (em cima))

N.º 14

Vaso, em fórma de pote, com trez zonas na parte bojuda, além de duas no gargalo. Bellamente pintado. Medidas:

Diametro da bocca = 22 cm
Altura da zona da bocca = 6 cm
Distancia da bocca á 1.ª zona do bojo - 17 cm
Diametro maximo dn bojo 37 cm
M. E. Profundidade = 34 cm

Esta bella urna é semelhante ao n.º 6. Faltam-lhe ornamentos em relevo. No desenho, que é verdadeiramente artistico, é digna de nota especialmente, por sahir do costume, a grega rectilinea no meio do bojo e o padrão *virgular* na zona inferior do pescoço. Pintada uniformemente de encarnado apparece sómente a zona da bocca; é lisa a zona do fundo.

O fundo da urna apresenta trez furos.

Continha parca quantidade de pó de ossos com particulas de terra.

(Estampa II, fig. 15 — Estampa I, 15 e 15 b)

N.º 15

Vaso em fórma de pote alto, com trez zonas (indistinctas) na parte bojuda, além de duas no gargalo, esta com cara humana em relevo; contornos e extremidades humanas em relevo na parte bojuda. Medidas:

Diametro da bocca 24 cm
Altura do gargalo - 9 cm

de la coste quelque roche ou li y auoit des veines de couleur d'ardoise, avec quelques veines d'argent meslees parmy, dont j'en tiray une petite pierre que je perdis, etc.» (Naturalmente mica da rocha granitica, como já expliquei em outra parte). É provavel, por analogia de phenomeno geologico observado em quasi toda a costa paraense, que n'aquelle tempo o Monte Mayé estivesse bastante mais perto do mar do que hoje.

Distancia da bocca á 1.ª zona do bojo = 23 cm
Diametro maximo do bojo = 38 cm
M.E. Profundidade = 44 cm

A presente urna, de nobres fórmas, de gargalo alto, partilha na posse de ornamentos anthropomorphos com os vasos n.os 9, 17, 18 e 19. Comparada com o vaso n.º 9 (mesma Estampa II), nota-se que os olhos são aqui representados por duplo circulo e que as orelhas tem outra fórma. Na cinta superior do bojo estendem-se os dois braços) ambas as mãos, tendo trez dedos sómente. Ha os bicos dos seios, e na zona seguinte notam-se indicios das pernas e do umbigo, achando-se porém um tanto lesadas estas partes, como certa porção da bocca da urna. Acham-se vestigios de duas azas lateraes conicas, como se vê pela circumferencia circular da sua base. O umbigo e as duas azas formavam em relação á peripheria do vaso, os cantos de um triangulo equilatero.

O ornamento anthropomorpho todo revela aquelle schematismo ingenuo e artistico ao mesmo tempo, que innumeras vezes ainda encontramos na ceramica prehistorica marajóara e na de tantas outras localidades do Amazonas inferior e que podemos considerar como o resultado directo de tentativas repetidas e accumuladas durante muitas gerações, para chegar a uma expressão resumida dos feitios caracteristicos e essenciaes da imagem humana. O archivo legado no barro é um importante documento d'esta tendencia, comprovada por ensaios sem conta e inesgotaveis modalidades.

A pintura da presente urna é, como o mostra a figura 15.ª da Estampa II, assaz complicada. Papel importante é n'ellas reservado áquelle desenho formado de linhas verticaes, horizontaes e ondeadas, ligadas entre si por numerosos riscos transversaes, originando o padrão que já acima comparamos com escadas (confer os vasos n.º 6 e n.º 9,.

Nas partes lateraes da zona bojuda vem juntar-se aquelle outro modelo, rebelde á descripção, já mencionado no vaso n.º 10.

O fundo do vaso é munido, como se vê, pela figura 15b da Estampa II, de seis furos dos quaes cinco periphericos e um central.

Continha a urna poucos fragmentos de ossos humanos.

(Estampa I, fig. 16)

N.º 16

Vaso, em fórma de pote, com quatro zonas distinctas na parte bojuda e duas no gargalo. Bojo cylindrico, de perfil quasi rectilineo. Medidas:

Diametro da bocca = 26 cm
Altura da zona da bocca 7 cm
M. E. Diametro maximo do bojo 37 cm
M. E. Profundidade = 33 cm

Esta urna bastante avariada por um infeliz acontecimento no transporte a bordo do vapor, da Guyana ao Pará, mas concertada depois tanto quanto possivel. é de novo uma d'aquellas onde o caracter *zonario* acha distincta expressão. É n'este sentido, o *pendant* d'aquella descripta sob o n.º 9.

De ornamentos em relevo ha um rosto humano no gargalo, semelhante ao n.º 17, sobretudo pela proeminencia do queixo.

O desenho consta de pintura vermelha uniforme no gargalo, e do padrão *virgular* na zona immediata do pescoço.

O fundo d'esta urna possue seis furos, pequenos, que mal passam de lado a lado. Continha os acostumados poucos fragmentos de ossos longos humanos.

(Estampa I, fig. 17—Estampa II, fig. 17)

N.º 17

Vaso, em forma de pote muito grande, de bojo conico, gargalo largo e ornamento em relevo anthropomorpho. Medidas:

Diametro da bocca=34^{cm}
Altura do pescoço=10^{cm}
M.E. Diametro maximo do bojo=41^{cm}
M.E. Profundidade=48^{cm}

Este pote é um dos maiores da collecção, rivalisando em tamanho com a ygaçaba n.º 11.

O bojo é um grande cône truncado; zonas propriamente ditas ha n'elle sómente duas, porque a linha elevada no meio é mero ornamento e não marca mudança repentina de diametro.

Do ornamento anthropomorpho em relevo acha-se o rosto na zona do gargalo, tronco e extremidades no bojo. Comparando-se o rosto (fig. 17, Estampa II) com os dos n.os 9 e 12 (mesma estampa), nota-se que os olhos são ellipticos, em vez de circulares e que são indubitavelmente fechados, em vez de abertos. Interessante é a linha encarnada, com raios na peripheria, significando os cabellos das palpebras. O lobulo da orelha tem um furo distincto. Bicos dos seios e umbigo (pequena depressão), como na figura 15.ª.

De um schematismo extremo é a maneira como o tronco e as extremidades se acham indicadas, de maneira que a gente fica duvidando se estas existem na realidade, ou se o oleiro quiz limitar-se a representar o tronco sómente. A linha em relevo termina, a curta distancia da mediana, abruptamente, em especie de botão.

A presente urna tinha cinco azas, infelizmente todas perdidas, mas zoomorphas todas, como com bastante certeza se pode presumir pela comparação da inserção com a das azas do vaso n.º 10. Interessante é a distribuição symetrica em relação ás azas entre si, mas asymetrica em relação ao rosto humano, do lado opposto. São oppostas

não ao nariz, como exigiria completa regularidade, mas á orelha esquerda. Duas azas achavam-se na zona superior do bojo, as trez outras na zona inferior, formando assim duas fileiras parallelas.

Simples e bello o desenho. O padrão *escalar* domina inteiramente na face anthropomorpha; gregas onduladas occupam o resto das respectivas cintas e na zona do gargalo volta o desenho *virgular*, aqui todavia com virgulas claras em campo vermelho, ao inverso dos outros casos já mencionados.

Oo fundo d'esta grande e notavel urna mostra sete furos, agrupados em circulo. Continha fragmentos de ossos humanos.

(Estampa I, fig. 18 — Estampa II, fig. 18 a — Estampa II', fig. 18 b)

N.º 18

Vaso, em forma de pote, com trez zonas no bojo e duas no gargalo e ornamento anthropomorpho em relevo. Medidas:

Diametro da bocca=25 cm
Altura da zona da bocca=10 1/2 cm
M.E. Diametro maximo do bojo 34 cm
M.E. Profundidade=37 cm

Pote assaz grande, semelhante aos n.os 9, 15 e 17. Crenulação na divisoria entre bojo e pescoço. No gargalo ha ornamentos em relevo com rosto humano. Os olhos são circulares com uma pequena depressão no centro. Notavel é a representação do queixo que é muito saliente e até um tanto asymetrico.—Excepto o rosto, todo o gargalo é pintado de vermelho. Na zona inferior combinam-se gregas rectilineas com desenho *virgular*. Gregas meio rectilineas, meio curvas na zona larga do bojo; desenho *escalar* na zona acima, e na area entre os braços da figura anthropomorpha. Possue o fundo tres grandes furos, como se vê pela fig. 18 b, Estampa II. Continha os habituaes residuos de ossos humanos.

(Estampa I, fig. 19 (em baixo)—Estampa I, fig. 19 (em cima)

N.º 19

Vaso em forma de pote. de duas zonas no bojo e duas no gargalo. Bojo conico, de perfil arqueado com ornamento anthropomorpho no gargalo. Medidas:

Diametro da bocca=26 cm
Altura da zona da bocca 7 cm
M.E. Diametro maximo do bojo=35 cm
M.E. Profundidade 31 cm

Este pote, o ultimo inteiro da collecção, é, quanto ao seu aspecto geral, semelhante aos numeros 6, 10, 15, pela supressão de maior numero de zonas no bojo. A esquina divisoria das duas unicas zonas ostenta as mesmas crenulações, como o vaso n.º 9 (Estampa II, fig. 9), tendo porém seis bicos chatos, em forma de azas, distribuidas a igual distancia sobre a peripheria.

Os ornamentos d'este pote (Estampa I, fig. 19) limitam-se á representação de um rosto humano, sendo palpavel o parentesco com os dos n°s. 9, 15, 17, 18. Os olhos são fechados; as duas palpebras, unindo-se na mediana, são esta vez isoladamente representadas. Na bocca acham-se indicios dos dentes, aliás como na urna n.º 17 (Estampa II).

Original o desenho, especialmente na zona bojuda. Os systemas de linhas onduladas ou enroscadas em espiral são aqui cortadas por uma linha mediana, de maneira que ha d'ellas sómente a parte inferior, tomando o aspecto de circulos concentricos partidos pelo meio. Padrão *virgular* no pescoço, modelo *escalar*, abaixo do rosto humano, entre zona da bocca e bojo.

O fundo da urna é provido de oito furos, de calibre medio, distribuidos em forma de cruz. Continha, como as outras, frangmentos de ossos e diminutos residuos cadavericos.

Havia um vigesimo vaso, bella urna, que infelizmente se partiu ainda no porto de Belém por lamentavel descuido dos carregadores no trapiche da Companhia do Amazonas. Ainda não abandonamos a esperança de poder concertal-a. Ella assemelha-se em tamanho, forma e ornamentação á urna n.º 5. O gargalo é pintado de vermelho. Bonitas gregas existem em ambas as zonas do bojo. O fundo não tem furos.

III

Commentarios sobre as cavernas e os vasos n'ellas contidos

Os antigos Indios Cunany-uáras usavam como repositorios dos restos mortaes dos seus parentes uma modalidade de todo original de cavernas artificialmente feitas: poços cylindricos, que na parte inferior iam-se alargando a feição de uma bota. (Estampa orientativa, fig. 1 [esboço geral de situação], fig. 2 [corte longitudinal de uma caverna e sua projecção]. Eram cobertos estes poços por pezados discos graniticos, e um marco de mesmo material, lavrado, erecto servia de meio para reconhecer facilmente o lugar, caso a vegetação ficasse muito cerrada e que os discos fossem parcialmente ou de todo occultar-se á vista por uma camada de terra, cousa — que de facto se tinha dado até o momento do nosso descobrimento, tanto que dos moradores hodiernos da região (Paraenses todos ou pelo menos Brazileiros dos Estodos septentrionaes), não excluindo o proprio proprietario do terreno, não tinham antes conhecimento de que aquella localidade contivesse reminiscencias de gerações passadas. O alargamento inferior dos poços sómente tinha urnas e vasos, inteiros na maioria, alem de cacos e azas fragmentarias,

em quantidade relativamente pequena. Facil é adivinhar a intenção ligada ao alargamento: era uma medida de providencia, querendo evitar a ruina dos vasos por um desmoronamento eventual das partes superiores do poço, especialmente por queda da tampa discoidal. A falta de continuidade, representada pelo alargamento por si só, não era muito consideravel e por tanto pouco provavel a eventualidade, que a intenção ia ser frustrada, pela pressão lateral e o peso das partes circumvisinhas. Poderia haver prova melhor do acerto d'esta idéa, do que o facto, que nos achamos dos dois poços um de todo intacto e salvo ainda, e o outro pelo menos salvo em relação ao alargamento inferior, embora que o disco tivesse descido de um lado? Era naturalmente uma questão onde entrava em conta algum conhecimento empirico da constituição e da natureza do terreno — aqui duro e solido — porque nem em toda parte e em todo solo tal meio seria applicavel. Pode-se dizer sem exagero, que estes recursos technicos tão habilmente aproveitados aqui na confecção d'estes poços, constituem significativo criterio para julgarmos da altura intellectual dos architectos.

Procuravam-se elevações e collinas idoneas; a identidade de circumstancias exteriores nos dous casos (alto do Morro da Igreja de Cunany e Monte Curú no «Igarapé do Hollanda») o denota distinctamente, eliminando logo qualquer duvida de que se poderia tratar talvez de um caso excepcional e unico em relação ao Monte Curú. Semelhante tendencia é aliás bastante natural em paiz plano e sujeito á inundações periodicas. Os «tesos» e aterros sepulchraes em Marajó, no Amapá obedecem ao mesmo plano.

Estes repositorios sepulchraes, subterraneos e artificiaes, ganham um que de parentesco com as catacumbas da primeira era christã, na capital do imperio romano e mais adequadamente ainda com os sepulchros antiquissimos (cryptas), descobertos aqui e açolá na Europa central e septentrional e attribuidos ao periodo neolithico. *Revestem-se porém de uma importancia de todo excepcional pela circumstancia, de constituirem o primeiro e unico exemplo, achado até hoje (ao que eu saiba pela litteratura que me é disponivel) em territorio cis-andino da Sul-america septentrional.*

É preciso comprehender bem o que acabo de dizer. Não pretendo affirmar, que do aproveitamento de cavernas em geral não haja outro exemplo em nosso territorio, pelo contrario, a proxima segunda Memoria nossa terá precisamente por objecto descrever os costumes sepulchraes de Indios igualmente extinctos hoje nos Rios Maracá e Anauerá-pucú, na margem esquerda do Rio Amazonas, Indios dos quaes pelo menos os primeiros tambem usavam de cavernas para os seus cemiterios. Mas os antigos Maracá-uáras aproveitavam *grutas naturaes,* concavidades lateraes no talude de morros de pedra, visto que o caracter orographico e geologico da região permittia tal praxe. Ha todavia, como demonstraremos mais circumstanciadamente na proxima Memoria, intimo parentesco entre os dous modos: o poço artificial do Cunany coincide na sua forma especifica, com a gruta natural do Maracá, não sendo o alargamento inferior da primeira outra coisa senão a imitação da segunda. O antigo Cunany-uára era primitivamente tambem utilisador de grutas naturaes, mas chegando a residir em região, que não offerecia mais as condições locaes necessarias, topographicas e geologicas, recorreu ao meio da construcção de *cavernas artificiaes.* Eis o ponto, ao qual eu quiz chegar. Sou de opinião, que convém não perdel-o de vista, porque constitue um tal ou qual fio vermelho, capaz de facilitar-nos a orientação sobre as relações ethnologicas de ambos os povos guyanezes.

Consideremos agora o conteúdo das cavernas exploradas no Cunany, no seu conjuncto. Retiramos 19 (18) vasos inteiros de ambas ellas, além de cacos e fragmentos de outros. Applicando provisoriamente para estes vasos nomes da nossa actual terminolo-

gia domestica trivial, distinguimos entre elles bandejas (1), alguidares (4, contando tambem o chapéo), potes (12) e moringas (2). Embora tão diversas na forma, quasi todos os vasos continham em maior numero de quantidade fragmentos de ossos humanos, sendo por isto evidente, que elles tinham antes de tudo um fim funerario. Exceptuam-se entretanto as duas urnas n.os 11 e 12, que facilmente se reconhecem como genuinos potes d'agua (ygaçabas). Quanto á maioria, quer dizer todos os outros vasos contendo ossos (no momento da descoberta), ha uma singular scisão em vasos com fundo furado (n.os 1, 2, 4, 5, 9, 10, 14, 15, 16, 17, 18, 19) e outros sem furos no fundo (n.os 3, 6, 7, 8, 13), scisão que interessa quasi todas as modalidades acima enumeradas. Estes furos no fundo de urnas indigenas são uma particularidade, da qual não nos consta que tenha sido encontrada em parte alguma, se por ventura a litteratura ethnographica á nossa disposição habilita para uma tal affirmação. Devem ter tido o seu fim especial. (1)

Por mais que reflicta sobre este fim intencionado, nenhuma hypothese me parece offerecer tantas probalidades, como a de suppor, de que os furos eram feitos para deixar sahida á um liquido que gottejava dos restos cadavericos. Poderia se pensar tambem, que os furos tivessem sido calculados para dar accesso e permittir a livre circulação da caracteristica fauna cadaverica, esperando-se d'ella uma prompta maceração e dissecção. Entretanto esta supposição cahe por terra, pelo simples facto, que os vermes e insectos cadavericos poderiam melhor ainda entrar pela bocca do vaso, visto que nenhuma tampa vedava o ingresso franco até para formas maiores.

Sobra assim senão a primeira hypothese, que leva directamente á conjectura, que os antigos Cunany-uáras não levavam os despojos mortaes dos seus defuntos para as urnas sepulchraes em estado enchuto. Havia um liquido, quer posto intencionalmente, quer proprio e natural das massas, que se desejava filtrasse pelos furos praticados no fundo.

Não deixa de sorprehender, que afóra de productos ceramicos maiores não houvesse n'estas cavernas, quer dentro das urnas, quer fóra, o minimo objecto, nem perolas, nem qualquer outro ornamento ou utensilio.

É conveniente n'esta occasião de passar rapidamente em revista o que outros autores anteriores escrevem acerca dos generos de ceramica prehistorica na Sul-america cis-andiana. O venerando Martius já deu em 1867 na sua sempre valiosa obra «Zur Ethnographie Amerikas zumal Brasiliens», pag. 712 a seguinte tentativa de classificação da ceramica indigena para o uso domestico («reru»):

1) Terrinas (Nhaem pepo), com ou sem tampa (çoquenda paba) 2) panellas (Perirysaba) 3) potes (camotim, camocy), com ou sem aza (nambi) 4) os vasos, ás vezes de além de tres pés de altura, para a fermentação (igaçaba) 5) bandejas ou tachos (japunas), para cima dos fornos de bejú.

Prosteriormente B. Rodrigues (1) sahiu á luz com um estudo sobre a «Necropole de Mirakanguéra» (Serpa, Amazonas), propondo a divisão seguinte para os productos da ceramica ossuaria amazonense:

(1) Se se tratasse de um objecto ceramico de uso domestico, julgar-se-ia, que a bandeja e os alguidares perfurados poderiam ter servido á certo fim culinario, pois as panellas de barro, que ainda hoje se fazem no Sul do Brazil para o fabrico de «cúscús» são de facto inteiramente semelhantes.

«1.ª **Iukaçauas** (2) ou *urnas ossuarias*, as que encerravam ossadas completas sem terem sido levadas ao fogo e que em baixo relevo representam differentes partes de uma figura humana com indicação de sexo.

2.ª **Kanguéra rerú** (3) ou *urnas ossuarias*, as que guardavam ossadas queimadas e partidas, algumas semelhantes ás primeiras e outras sem indicar fórma alguma humana e destituidas de relevos.

3.ª **Kamuci** (4) ou *urnas cinerarias*, as que continham o pó e as cinzas das ossadas. Estas urnas teem a fórma de um pote e raras vezes teem indicios de partes do corpo humano.

4.ª **Kamuci uaçú** (5), o grande pote no qual dissolviam a tinta e n'ella misturavam o pó e as cinzas dos ossos.

5.ª **Yaraki-çaua** (6) ou *taças das libações*, com forma de panellas mais ou menos ornadas, algumas com emblemas zoomorphos, em relevo.

6.ª **Kanguera-çaua** (7) *as taças cinerarias* em que se derramava a tinta incinerada. São ornadas com emblemas anthropomorphos e zoomorphos.

7.ª **Dauitibá** (8) ou *panellas votivas* em que depositavam os viveres para o morto. Ornadas de desenhos, por gravura ou pintura e de emblemas zoomorphos e alguns anthropomorphos.

8.ª **Tykuçaua** (9) especie de *hydria* dos gregos, que servia para derramar a tinta.

9.ª **Instrumentos de pedra.**

Embora tupinisada um tanto «á coups de dictionnaire», esta terminologia toda, quando se trata de ceramica dos «Aroaquis», portanto de um povo differente, como o proprio autor se esforça de demonstrar, é forjada *ad hoc* a divisão ao caso especial da necropole de Mirakanguéra, não olhar-se-ia para este defeito a vista de uma aproveitabilidade pratica geral do ensaio no discernimento da ceramica de outras localidades amazonicas. Infelizmente esta aproveitabilidade reduz-se á pouca cousa no caso vertente da ceramica funeraria do Cunany.

Contendo, como acima declaramos, a maioria dos vasos (com excepção dos n.os 11 e 12) uniformemente uma certa e sempre relativamente diminuta porção de terra com fragmentos na maioria pequenos de ossos humanos, especialmente dos compridos, devi-

---

(1) Vellosia Vol. II (Archeologia, Paleontologia 1885-1888) Rio de Janeiro, 1892, pag, 15, 14.
(2) *Iukà*, matar, *çaba* ou *aua*, terminação verbal que, por terminar o verbo em vogal, faz *çaba e çaua*.
(3) *Kanguera*, ossos e *rerú* o que guarda, contém ou encerra.
(4) Antigo *kambuchi*, o pote.
(5) Pote grande.
(6) *Yaraky*, vinho de mandioca e *çaua*, o que leva, contém.
(7) *Kanguera*, ossos, e *çaua*, que guarda, encerra.
(8) Nome que os Aroakis dão ás panellas.
(9) *Tyku*, liquido diluido, e a terminação verbal *aua*.

amos collocar estes vasos todos na categoria dos «*Kanguera-rerú*» do citado ensaio de divisão. Logo se vê porém, que estes vasos nem sempre eram «urnas», termo com o qual eu não posso deixar de ligar a idéa de um vaso mais ou menos em forma de pote. «Urnas» são de facto os vasos n.os 3, 5, 6, 9, 10, (13), 14, 15, 16, 17, 18, 19. Ha todavia por outro lado o n.º 1, em forma de bandeja, os n.os 2, 4, 8 em forma de alguidar, e o n.º 7 em exquisita forma de chapeu.

Detenhamos a nossa attenção um momento com este vaso n.º 7, descripto com sufficiente individuação na pag. 7-8 do presente trabalho. Abrindo a Estampa III da Memoria do precitado autor, surprehende-nos a extranha semelhança de feitio do vaso, figurado com o n.º 7, proveniente de Mirakanguéra com o nosso n.º 7 da Estampa I, oriundo do Cunany. Entretanto B. R. o rubríca na cathegoria de suas «Kanguera çauas» («taças cinerarias em que se derramava a tinta incinerada. São ornadas com emblemas anthropomorphos e zoomorphos») e no texto (pag. 22) estende-se sobre o objecto em questão nos seguintes termos: «A primeira vista nos traz a memoria as antigas lampadas ou candeias, que ainda o sertanejo usa, com as formas mais ou menos primitivas, trazidas para este imperio por immigrantes de differentes nacionalidades. São mais ou menos oblongas, tendo diametralmente oppostas umas especies de azas, sendo que em algumas, ao do maior diametro, sempre maiores, representam caras e algumas vezes apresentando cabeças de animaes. Nos ornatos são todas mixtas, isto é, além de serem gravadas são tambem pintadas, sempre com as tres côres branca, vermelha e preta, que são caracteristicas».

«Parece que o artista quiz aqui imitar a natureza procurando, ao passo que dava utilidade ao seu vaso, fazel-o representar um animal; pelo menos póde accommodar ao uso e representar a cabeça, o corpo e a cauda de um animal, cujo genero me é impossivel determinar. Si as apparencias da figura, pela bocca, olhos e orelhas parece querer representar um marsupio, um didelphis, a cauda comtudo, o afasta, não só pelo comprimento, como pela posição; parece ser antes um animal phantastico. O desenho que aqui apresento, copia fiel de uma photographia, melhor falla á vista do que as palavras, pelo que, para melhor clareza, acrescentarei que a parte interna e externa do bojo é pintada de vermelho. O pescoço é ornado de um colleira gravada e pintada de vermelho e a volta interna da espiral da cauda é igualmente gravada e pintada d'esta mesma côr. Os bordos, levemente gravados, teem sobre a gravura um desenho preto de sepia *(chibá)* com algumas partes vermelhas. Instrumento delicado, como a ponta de um pincel fino, tinham para traçar as suas linhas, porque sobre o pescoço e na parte inferior da cauda, na região do coccix, apresentam delicadas figuras, de linhas parallelas, sendo mesmo algumas curvas e formando quartos de circulos, que mostram não só firmeza de mão, como que o instrumento era muito delicado. Essas linhas medem menos de meio millimetro de largura; são como o traço de um lapis apontado. A cara é toda gravada a relevo, sendo o bocca pintada de vermelho e as linhas que marcam as orelhas de uma côr preta, tendo o interior das mesmas uma curva vermelha.

É um vaso elegante, bem acabado, perfeitamente liso, que para outrem passaria por *vaso de perfumes*.

Á primeira vista parece uma *lychna*, dos gregos, ou *Lucernae*, dos romanos, as primitivas lampadas de argilla».

É de lamentar, que o autor não dê n'este caso (como alliás em tantos outros) as medidas proprias do vaso. O synonymo «taças cinerarias» applicado por elle, todavia leva a crêr, que se trata de um objecto de pequenas dimensões, que ficam muito abaixo das consideraveis dimensões de nosso chapeu do Cunany.

Nós temos de accentuar dous factos: 1) o nosso vaso em forma de chapeu de Cunany continha ossos longos de extremidades humanas 2) nenhum vestigio de tinta havia interiormente. Torna-se d'est'arte bastante provavel. que o vaso do Cunany não era uma «Kanguera-çaua» no sentido estricto da definição de B. R.: ficando aliás de pé a singular semelhança do vaso do Cunany com o de Mirakanguéra, semelhança que chega ás raias da identidade.

No mesmo trabalho supra-citado B. R. menciona dous vasos, encontrados na «actual Ilha dos Múras» no Amazonas, attribuidos ao mesmo povo ou mesmo tribu de Aroakys (pag. 28 seq.). Dá as respetivas figuras na Estampa VIII. (1 e 2). Distinguem-se em ambos uma parte superior e uma inferior: é quadrangular tanto a primeira como a segunda no vaso 1, quadrangular a primeira, circular a segunda no vaso n.º 2. Vale a pena ouvir as palavras textuaes do autor (pag. 31 seq.) a cerca de um e de outro.

«O primeiro é, incontestavelmente, sinão uma panella de cozer iguarias, um vaso de aquecer algum caldo, molho ou vinhaça, porque a parte externa do fundo isso indica, apresentando-se queimada e fuliginosa. Não resta tambem duvida que era pintada, porém a acção destruidora do tempo apagou a tinta, deixando sómente a gravura e raros vestigios de que as côres empregadas nos vasos mortuarios eram as mesmas. A gravura exquisita, feita toda de linhas rectas, unindo-se em angulos, aqui e alli, tornando-se os lados mais ou menos parallelos, não nos disperta considerações além da que já fazemos anteriormente, sobre as dos capitulos anteriores; apenas releva notar que, sendo a peça de quatro faces, como veremos, os desenhos são semelhantes dous a dous em lados oppostos. Quanto á forma, o vaso em questão affasta-se de todos os congeneres e de todos que conheço da região Amazonica; é quadrangular. Esta forma é muito notavel. porque em geral a circular é a constante de todos os vasos. de qualquer natureza que seja, e em todas as partes do mundo, principalmente na antiguidade. Como seja esta forma a mais facil de fazer-se, em geral da regra se não affastaram, exceptuando sómente o Japão e a China, que desde a mais remota antiguidade, de preferencia. deram aos seus vasos um contorno quadrangular, hexagonal ou octogonal. A industria ceramica moderna raramente nos seus variadissimos objectos emprega essas formas. Esta, portanto, vem confirmar a opinião que formo da intelligencia do povo de então, do seu gráo de adiantamento na ceramica e que isso não é devido á feitura autochthone e sim devida á industria immigrada, e essa asiatica.

Como se vê da figura 1 e da Estampa VIII, o vaso tem quatro faces unidas angularmente e é dividido em trez corpos. A parte inferior, que é a menor, é mais ou menos caloteforme, tornando-se notavel, pela maneira artistica, porque passa para o corpo medio, que já é quadrangular. Une essa passagem um bordo saliente já anguloso, todo dentado, e d'ahi se eleva planamente, inclinando-se para dentro o corpo medio, completamente liso.

Sobre essa parte se liga o terceiro corpo então, maior. convexo, prolongando-se nos quatro cantos em bicos, com os bordos *crenulados*. Esta parte é toda gravada externamente. O bem combinado das linhas e sua correção, dando um aspecto exquisito ao vaso, não deixam de apresentar muita elegancia. A boa preparação da argilla, a perfeição com que foi modelada, o polimento da superficie, a regularidade do desenho das gravuras, a combinação das gregas duas a duas em lados oppostos, mas se ligando com arte a formar um só todo em volta, tudo isso considerado nos dá uma idéa muito mais vantajosa da supremacia da intelligencia do oleiro dos nossos tempos primitivos.

Sem um modelo. artista nenhum hoje seria capaz de crear a fórma em questão e si o de outras éras o fez copiada, o fez por um modelo trazido por immigração. Não se

poderá suppor influxo da civilização transandina porque essa norma na sua ceramica até hoje não apresentou um só vaso de fórmas quadrangulares. Imitava a natureza em que as linhas são sempre curvas.

Outro vaso fig. 2 não é menos caprichoso em suas fórmas, porém não me é dado aqui dizer o seu emprego, porque impossivel é adivinhal-o. Que tinha uma applicação dupla, segundo a posição em que era collocado, quasi que o posso affirmar; elle mesmo o diz e o seu estudo o confirma. A fórma tambem é mixta. Dividido em dois corpos tem uma peripheria rectangular, outra circular. Ella nos lembra alguns copos da India, de porcellana esmaltada, de data antiquissima, que ainda hoje se imitam e sabemos que na Asia já se esmaltava a porcellana, quando ainda na Europa a arte ceramica estava embryonaria. A verdadeira base d'este vaso é o lado que tem a fórma circular, porém, voltado o vaso, perfeitamente assenta na parte rectangular. Esta é a superior, porque além de ter sido pintada interiormente de preto. tem superiormente gravadas duas linhas, parallelas, que ornam a sua espessura. A porção circular é balda de pintura na parte interna e na espessura ornato algum tem. Além d'isso sempre a parte ornamentada é aquella que fica sob as vistas; é mais visivel.

A parte circular, que affecta a fórma de uma grande taça emborcada, tem externamente uma bella gravura, de tal maneira combinado o desenho que as suas linhas se prendem a formar circulo unindo varias figuras. umas superiores o outras inferiores.

A parte saliente da gravura era pintada de preto e vermelho, sendo o resto branco. A parte quadrangular, toda lisa externamente, era pintada de preto.

E' admiravel a maneira porque ligavam a combinavam a parte circular á retangular, que é menos funda do que a outra. E' de um estylo severo, que mostra a austeridade da imaginação do artista.

Como se vê do desenho, é um vaso de um duplo emprego, podendo ser usado um ou outro lado sem o menor inconveniente e sem tirar a sua elegancia em relação á posição que se lhe der, o que ainda mostra a habilidade do autor. »

O benevolo leitor bem depressa adivinhará onde eu tenciono chegar. E' a semelhança dos vasos quadrangulares, descriptos da Ilha dos Múras, com a nossa bandeja n.º 1 (da Estampa I; da Estampa III) proveniente do Cunany, apresentando um caso parallelo á « Kanguera-çáua » de Mirakanguéra e o vaso com fórma de chapeu do littoral da Guyana, do qual acabamos de fallar.

Francamente dito, falha-nos completamente a minima vontade de quebrar uma lança pró ou contra em relação áquella mal disfarçada tendencia de ver por toda parte provas de filiação ethnologica do homem sul-americano como o « homo mongolicus », embora que *in nuce* esta theoria não me é antipathica em si, (1) mas simplesmente pelos meios e argumentos até agora empregados por parte de certos autores, que tiveram a coragem de adiantar-se n'este escabroso terreno. Confesso não possuir a mais leve competencia em assumptos da China.

Voltando á antiga ceramica do Cunany, frizamos que a bandeja n.º 1 constitue

---

(1) Concordo com as palavras de Kean: « ... the American undoubtely approximates nearest to the Mongol form, and as the latter cannot be derived from the former, it follows, as is now generally allowed, that the American type has been differentiated from a generalized Mongol prototype. Thus is established without any lengthy argument, the first assumption of our formula: « Homo americanus branched off from Homo mongolicus ». Ethnology (Cambridge 1896), pag. 336.

outro exemplo de vasos quadrangulares (reputado antes tão raro e excepcional) (1) e oriundo d'esta vez do littoral da Guyana, não do Amazonas superior.

Declara o descriptor dos dois vasos da Ilha dos Múras não conhecer o seu uso especial. Nem a nós compete preencher tal lacuna de saber; limitamo-nos a dizer, que a bandeja quadrangular do Cunany, producto ceramico parallelo pelo menos em factor essencial do seu feitio exterior, continha os mesmos fragmentos de ossos e serviu apparentemente para os mesmos fins, como os alguidares, o vaso em fórma de chapeu e os numerosos potes.

Duas palavras ainda acerca dos fragmentos de ossos. E' singular, que sómente sejam representados os ossos compridos das extremidades (humerus, ulna, radius, femur-tibia), de craneos nenhum fragmento consideravel, nem ao menos da «calote» (Houve, um unico dente premolar na urna n.º 6). São esbranquiçados e como partial e superficialmente calcinados e parecem partidos e quebrados á força, coincidindo n'este ponto com as indicações de B. R. acerca do conteúdo das «Kanguéra-rerú» da necropole de Mirakanguéra. A quantidade total contida em cada vaso é sempre diminuta, importando n'uns punhados sómente e está longe de representar o equivalente de um esqueleto inteiro. Tudo isto leva-me a crêr, que os costumes funerarios dos antigos Cunany-uáras eram mais ou menos identicos, áquelles descriptos por B. R. em relação aos Aroaquis (pag. 12) nas linhas seguintes:

«Queimam os mortos, e os guardam calcinados em um *urú* (2) pendurado na casa do morto. Emquanto arde o corpo na fogueira, dançam homens e mulheres em roda, ao som dos seus maracás, *nachy*. Conduzem os ossos para a casa do finado, acompanhados pela dança e pendurado o deposito destes continuam sob elles a dansar. Preparam depois o *kachiry*, e novamente começam as danças, com libações, descendo-se então o urú, para tirarem delle os ossos para ser reduzidos a pó e misturado este com a tinta do urucú. Feita esta mistura, pintam-se com ella e continuam a dançar. O resto do pó, ou dos ossos é guardado, em pequenos potes ou igaçauas, de bôjo e gargalo, e enterrado, sem ceremonia, n'um cemiterio proprio».

Quanto ao estylo ceramico, representado nas cavernas sepulchraes do Cunany, reside uma das feições mais saliente no caracter zonario das urnas, alguidares, etc.

Em relação á *ornamentação exterior* temos a distinguir entre desenhos pintados e ornamentos plasticos em relevo. Os desenhos agrupam-se do seguinte módo:

1) pintura uniforme total (nos fundos e no gargalo).
2) desenho *virgular*.
3) gregas rectilineas e arredondadas (convolutas).
4) desenho *escalar*.
5) desenho trilinear de difficil definição.

---

(1) Aliás escreveu já o Padre Claude d'Abbéville em relação aos Tupís em Maranhão (1614): fol. 310. «Les femmes font force aussi vaisselles de terre de toutes sortes, de grandes, de petites, de rondes, en ovalle, en *quarré*, les unes en forme de plats, les autres en forme de terrines, et autres fort unies et polies, principalement par le dedans. Ils se servent de gommes blanches et noires pour les plomber au dedans, y faisant diverses figures à plaisir et selon leur fantaisie».

(2) É um cestinho com tampa, feito de narumã (maranta) ou tucumá (Astrocaryum tucumá Mart.)

A tinta empregada é em primeira linha uma camada muito leve de uma *tabatinga* assaz fina, alva e de bello effeito. Sobre este colorido geral de fundo, foram feitos então os desenhos com tinta vermelha, que (sem querer garantil-o) parece fabricada com *urucú*. — Os ornamentos em relevo, por sua vez agrupam-se como segue:

1) divisão em zonas, delimitadas mutuamente por esquinas mais ou menos agudas;
2) crenulação eventual de uma ou outra esquina;
3) figuras de rosto humano no gargalo e de contornos do tronco humano no bojo dos potes;
4) figuras mais ou menos salientes de cobras, pererécas, acuti-purús, cabeças de jabuty, aves [em summa, anthropomorphas e zoomorphas] na beira dos alguidares, nas esquinas do vaso em fórma de bandeja e de chapeu, na urna n.º 10, sendo ora mero enfeite esthetico, ora adquirindo utilidade pratica como azas, para facilitar o segurar dos vasos, geralmente de peso consideravel.

As figuras anthropomorphas (1) indicam todas sem excepção um extranho schematismo, ao passo que as figuras zoomorphas *(acuti-purú)* [Sciurus] bandeja n.º 1; perereca [Hyla] do alguidar n.º 2 e de outro fragmento não reproduzido aqui (cobras), podem ser taxados de obras verdadeiramente artisticas, fieis ao mesmo tempo aos originaes da natureza, dando de par com o estylo geralmente nobre dos vasos, idéa lisongeira da altura intellectual dos antigos oleiros Cunany-uáras». (2)

Uns paneiros com cacos de barro, alguidares, potes, azas — tudo fragmentos isolados — retirados de ambos os poços, não posso interpretar de outra maneira em sua significação, do que eram lançados lá dentro, em signal de luto, sendo verosimil, de que estes fragmentos provinham de louça domestica do proprio defuncto. Além de serem conhecidos numerosos exemplos de outros povos, antigos e hodiernos, no Velho e Novo Mundo, onde a ceremonia do quebramento da louça forma parte do rito funerario, sabemos directamente de Indios ainda hoje existentes em territorio da Sul-America septentrional, que observam regularmente este costume. Compare-se á relação de H. Crevaux acerca dos Indios do interior da Guyana. (3)

(1) Não quero esquecer, de dizer que as figuras anthropomorphas, sobretudo em relação aos rostos, mostram sorprehendente semelhança com as duas urnas de Mirakanguéra (Barb. Rodrigues, loc. cit. Est. I, fig. 1, Est. II, fig. 4· Est. III, figs. 1, 3, 4) e de certas outras, descriptas por Ladislau Netto como provenientes de Marajó [para mim não está isenta de toda duvida esta proveniencia!], loc. cit. Est. V, b, fig. 2.

(2) H. Crevaux (pag. 111) «duvidou, contra a opinião do geologista inglez Brown, que as figuras de rãs e sapos, encontrados muitas vezes na Guyana, tanto na ceramica indigena como em gravuras em rochedos, realmente se relacionassem com certo amphibio. «Les dessins de grenouilles que Brown a trouvés dans l'Essequibo ne sont autres, que des images humaines, tel que les Galibis, les Rouconyennes, les Oyampís en représentent toujours sur leur pagáras, leur poterie et sur leur peau. Nous avons crû nous-même, en examinant des figures aux jambes et aux bras écartées, qu'il s'agissait de grenouilles, mais les Indiens nous ont dit que c'etait leur manière de représenter l'homme».— Não concordo com semelhante generalisação. Contestar por exemplo que o desenho nos alguidares figs. 2 e 3, Estampa III represente realmente um amphibio verdadeiro, seria o mesmo como duvidar da significação das azas da bandeja n.º 1. O artista Cunany-uára sabia bem, quando queria representar um amphibio por um lado, uma figura humana por outro. Aliás declarei na descripção do vaso n.º 2, quaes os meus argumentos para suppor que se trata directamente de representação da legendaria perereca «Cunhã-arú».

(3) «Voyage dans l'Amérique du Sud», Paris 1883, pag. 119—seq. «Pendant qu'on s'occupe de cette exhibition, la veuve éplorée jette par terre toutes les poteries dont se servaient son mari. Son désespoir n'épargne rien. Tout ce qui appartenait à celui qu'elle aimait, est immediatement détruit». (pag. 121). Descripção da morte e da subsequente cremação de um pagé dos Indios Rouconyennes na Serra de Tumuc-Humac.

Pelo segundo motto posto á frente do presente trabalho fica evidente que nem um momento duvido, as urnas funerarias do Cunany terem sido manufacturadas por mulheres, conforme o uso generalisado entre os Indios sul-americanos antigos e recentes e referido por numerosos viajantes e autores. Este uso passou até á população mestiça e branca, actualmente moradora nas margens do Rio Amazonas e ainda hoje é observado em todo o percurso d'esta extensissima arteria fluvial.

Resta-me tratar do material, aproveitado na antiga ceramica india do Cunany, do Amapá e de diversas localidades do littoral da Guyana. A sua natureza não é difficil de adivinhar. Estudando-se o aspecto das superficies de fracturas frescas de louça, apparece um barro de côr acinzentada, ou azulado, que lembra logo o tijuco alluvial recente encontrado com tanta profusão nas margens do rio-mãe e dos seus tributarios e bem, assim nos rios do littoral atlantico. (A côr azulada é devida á forte mistura com materias organicas. (1) E' diminuta a quantidade de arêa; ha porém, especialmente em vasos de paredes grossas, fragmentos miudos de louça antiga. Não se poude constatar, em exame microscopico, que o Sr. Dr. K. von Kraatz, geologo do Museu Paraense teve a amabilidade de fazer a meu convite, a presença de corpusculos siliciosos de caraïpé, (Moquilea), arvore de cuja cinza certos Indios usavam e usam ainda como « degraissant » para a silificação, nem de espiculas siliciosas de esponjas da agua doce (cauachi) especies do genero Tubella. O barro é pouco queimado, quasi como chamuscado sómente por dentro e por fóra, chegando quando muito a uma silificação superficial e incipiente. D'est'arte parecem melhor queimados os vassos de paredes finas, ao passo que o centro e meio dos fragmentos grossos deixa ver um barro quasi crú ainda. Em summa, tanto a queima, como provavelmente tambem toda a technica fabril, são identicas na louça antiga do Cunany e na da Ilha de Marajó, como ficou provado pela comparação directa. Direi mais, que nem a louça de Maracá se affasta, nem a de qualquer outra localidade do Amazonas inferior, de onde poude arranjar materiaes para um confronto, dirigido especialmente para esta particularidade.

A pouca queima, junto com a constituição e a côr do barro, constituem muito bom criterio para reconhecer a antiga louça india do Amazonas; qualquer pessoa adquire logo a pratica desejavel, para poder distinguir entre ceramica india genuina e eventuaes productos falsificados. (2)

A argilla branca—a tabatinga—é aproveitada na ceramica do Cunany sómente em pequena escala, para uma camada finissima de revestimento exterior. Explica-se isto por duas razões: Primeiramente a tabatinga é muito mais rara, e situada mais profundamente—nos arredores do Pará por exemplo apparece em profundidade que varia de 2 para 5 metros abaixo do nivel do sólo—e as boas qualidades bem alvas nem se encontram por toda a parte. (3) Em segundo logar, a tabatinga exige uma temperatura muito mais alta para a sua queima, do que aquella que o Indio podia obter com os seus recursos primitivos. Finalmente, por si só, ella nem seria boa materia prima, exigindo ella porcentagem muito mais forte de arêa e de ingredientes siliciosos.

(1) Confer Hartt: Apontamentos sobre o fabrico de louça de barro entre os selvagens. Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro Vol. VI (1885) pag. 70 e do mesmo autor: « The ancient Indian Pottery of Marajó » (American Naturalist V 1871) pag. 262.

(2) Infelizmente houve e ha ainda certos cavalheiros de industria, que com mais ou menos ingenuidade, occupam-se de fabricação de « antiga louça india », machados de pedra encabados, arcos e flechas e outros objectos ethnographicos.

É um facto—divertido quasi, senão fosse deploravel ao mesmo tempo, que o Estado do Pará mandou á Exposição Internacional de Chicago « louça antiga marajoára » em parte falsificada, como eu descobri em 1894.

(3) Communica-me o meu collega Dr. J. Huber, botanico do Museu Paraense, que por occasião da sua recente viagem ao Rio Ucayali encontrou mulheres da tribu dos Shetibos (reconhecidos bons olleiros, como os Conibos), que vinham de muito longe á procura de provisões de uma tabatinga excellente, que havia em certa localidade e que ellas usam exactamente tambem para revestimento exterior das suas urnas.

IV

Que Indios eram os olleiros no Cunany?

Com esta pergunta abordamos talvez o problema mais difficil de todo o presente trabalho. Foge-nos debaixo dos pés o solido terreno do saber positivo e temos de avançar sobre o outro — uma terra incognita, um campo composto quasi só de supposições, conjecturas, hypotheses e theorias, entremeiado parcamente com algumas informações historicas pouco claras, por vezes até contradictorias entre si.

Todavia desejo deixar liquidado de antemão um lado do problema, por parecer-me que é inutil perder muito tempo com a discussão de uma cousa que pode ser resolvida em poucas palavras á vista das razões sufficientemente fundadas. E' a questão da idade approximativa da ceramica do Cunany. Bastante reflecti sobre esta questão nos ultimos quatro annos, decorridos desde as nossas excavações, e cada vez mais me convenço de que a ceramica, por nós encontrada em 1895 no littoral da Guyana, é *post-columbiana*, ou quando muito, contemporanea ás primeiras visitas dos conquistadores ibericos na Sul-America.

São dois os principaes argumentos, que fortalecem esta minha convicção: 1) o estado de perfeita conservação dos productos ceramicos nos poços artificiaes no Cunany, mormente a frescura dos desenhos e das côres, que trahe uma origem não muito remota; 2) a experiencia adquirida em relação á ceramica de Maracá, que, embora apparentemente mais antiga, foi irrefutavelmente reconhecida por nós como post-columbiana pela posse de missanhas (perolas) de vidro de origem europea e provavelmente veneziana. (Veja-se a minha conferencia supra-citada no «Boletim do Museu Paraense», Tomo II, pag. 416 seg.) (1).

Agora vem a pergunta: que indios residiam no Cunany desde o anno 1500 para cá?

E' realmente desoladora a insufficiencia das informações historicas a este respeito.

---

(1) O uso de machados de pedra, empregados pelos olleiros de Cunany, no Maracá, em Marajó, em Mirakanguéra, etc., não constitue prova alguma contraria. A nossa «prehistoria» sul-americana é outra cousa diversa, da do Velho Mundo, em relação á Amazonia ella é essencialmente post-columbiana («Boletim do Museu Paraense», Tomo II, pag. 417). Von den Steinen encontrou ainda ha poucos annos os Bakairis de filiação caraïba, no Brazil Central (Xingú) usando machados de pedra e provavel é que estes não sejam os unicos Indios, que continuam em plena «éra neolithica» em nossos dias. Não tem portanto mais razão de ser a hypothese nutrida por Penna e Hartt e pronunciada pelo ultimo em 1871 no final do seu aliás bello trabalho sobre a antiga louça indigena de Marajó: «it would appear that the mounds antidate the discovery of America». (Americ. Naturalist 1871, pag. 270). Si não temos, como elle diz na phrase seguinte «any record of the existence of any tribe in the lower Amazonas within historic times, that buried its dead in jars» será pela insufficiencia geral de dados sobre os Indios da foz do Amazonas nos autores contemporaneos da conquista; constitue porém argumento caduco á vista da importantissima descoberta de perolas venezianas em uma das urnas tubulares de Maracá, conservadas no Museu Paraense. (N. 5 da respectiva collecção).

Consultemos as diversas relações de viagem dos antigos navegadores de diversas que visitaram a costa do Norte, e bem assim os mappas, publicados por autores portuguezes, francezes, inglezes, hollandezes, allemães, italianos, que não são poucos. Ora pode se avaliar a difficuldade que ha em identificar com alguma certeza, esta ou aquella localidade do littoral da Guyana, rio, lago, cabo, etc. e em determinar com exactidão, a região habitada por esta ou aquella tribu indigena, citada nos chronistas e cartographos antigos, tendo em conta que exactamente da desharmonia e falta de concordancia, reinantes entre estas fontes historico-geographicas, acerca d'esta zona do littoral, é que nasceu o secular litigio de limites, que existe entre o Brazil e a França relativamente á fronteira guyaneza. O Cunany acha-se um pouco além do meio do tal paiz « contestado », comprehendido quanto á costa pelo Oyapock ao Norte e o Araguary ao Sul.

Tendo sido descoberto a costa do Norte, inclusive o littoral da Guyana, em 1500 pelo hespanhol Vicente Yañez Pinzon, em viagem com rumo de Este mudado para Norte, depois de haver achado o grande rio — Amazonas — que elle denominou « Santa Maria de la Mar Dulce », voltou em outra viagem, no anno 1509, a costear o mesmo littoral, porém em sentido inverso. Encontrou « des pays noyés » entre o Cabo d'Orange e o Amazonas, cuja margem guyaneza era designada pelos Indios com o nome de « Paricúra », ao passo que a beira opposta (Sul) se chama « Camamóro ». (1)

Já nos mappas mais antigos existentes apparecem umas ilhas, que eu interpreto como identicas com certas partes da contra-costa da Ilha de Marajó, mais as ilhas Mexiana e Caviana, e que tem o nome de « Ilhas dos Arruáns »—nome que se conservou pelo

(1) O respectivo trecho do antiquissimo documento de Sevilha (1511) reza: « P [ro] vintiam appellant indigenae *Mariatambal*. Regio autem ab eius fluminis oriente *Camomorus* dicit: ab occidente *Paricúra* [Edição de 1551 escreve: « Mariatambal » — « Camomórus » e « Paricóra ». Temos aqui os tres nomes os mais antigos para Marajó e as ilhas na foz do Amazonas [Mariatambal], a costa paraense do Sul [Camomórus], a costa norte ou guyaneza [Paricúra] *Paricúra* me parece de facil explicação: parí = nome ainda usual no Pará para certo cercado de apanhar peixe, e talvez quéra = que foi ou quára = buraco. Note-se a semelhança com o nome dos Indios Palicours, visinhos, os quaes sempre foram peritos pescadores. Não menos facil *Camamóro*. Cama = teta, bico de peito; móro = adverbio, fortalecendo o sentido da palavra anterior. Significação: « bicos compridos » ou « bicos muitos ». Coincide admiravelmente com os « fijords » da costa do Salgado e notavel é tambem, que ainda hoje os morros á esquerda da bocca do Gurupy tem o nome popular « Peitos de moça ».—Restanos a explicar « *Mariatambal* ». Por si só seria muito facil. Mas temos dous outros nomes, de cujo proximo parentesco cada vez mais me convenço: « Marajó » e « Marañon ». Para mim entra em todas ellas, como primeiro radical a palavra tupy *mará* = pau, arvore [guarany: y-mira; y-bira] e *yú* (yug) = podre, molle [cahido]. A segunda palavra *tambal* será com certeza « tambá » = pudenda mulieris, pois esta palavra e noção vi-a entrar tal e qual na composição de nomes ainda hoje existentes de affluentes do Rio Capim, com boccas tapadas de páos podres e bancos de areia (« Tambá-hy e Tambá-açú »). « Mariatambal » seria assim nada mais senão: « Orificium genitale muliebre arboribus prostratis obstructum ». O nome teria sido originalmente: « Mará-yú-tambá ».—Mará-yú dá a origem do nome « *Marajó* », que apparece senão relativamente tarde na litteratura paraense. As mesmas duas palavras com o verbo ôn (ônê, ônâ) = correr, dá a etymologia do nome *Marañon* [Mará-yú-ôn]: « pau podre [cahido] corre (nada) » — etymologia de certo mais plausivel que a absurda, em voga, de « mare ou non? », visto que as arvores, que o rio traz, são phenomeno quotidiano no Amazonas.

Ha finalmente uma interessante contraprova, da qual não sei porque ella tenha escapado a todos, que têm escripto acerca da etymologia do nome « Marañon ». Ainda hoje chama-se o flamengo (Phoenicopterus ruber s. ignipalliatus) no littoral septentrional, ora « Ganso do Norte », ora MARANHÃO, e isto tanto no proprio Maranhão, como na costa paraense do Salgado. Ora, como nome d'esta ave, é indubitavelmente tupí, significando « pau [cahido], que corre ». Pergunto, pode haver designação melhor para um pernalto tão extremo, proto-typo dos « échassins », de que « perna de-pau »? E, uma vez concedido isto, e demonstrado como « marañon » podia ficar na designação tupí adequada para uma ave penalta, porque não seria admissivel a mesma origem, para o nome de um rio? (Volta aliás o mesmo nome no littoral Guyanez: ha no Amapá um furo obstruido chamado « Igarapé do Maranhão »).

menos até o principio do seculo XVIII. N'um mappa hespanhol, que data de 1560, vê-se na terra firme da margem guyaneza, em região correspondente áquella que em nossos dias chamamos « do Cabo do Norte », a observação « tierra de Paragotos—amigos dos Arruáns ». Se Indios de tal nome em tal região havia, é certo por assim dizer, que eram de filiação caraïba, á vista da terminação « oto », tão frequente nas tribus d'este tronco (« Boletim do Museu paraense », Tomo II, pag. 407). (1)

Abstrahindo por ora, da tentativa de reconstruir mais ou menos completa synopse ethnographica, relativa á foz do Amazonas nos seculos passados, limitar-me-hei hoje a esboçar rapidamente, o desenvolvimento cartographico em relação ao rio Cunany (Goanany) hodierno e á sua immediata visinhança.

O rio apparece, a primeira vez, a julgar pela litteratura que possuo, em 1596 com o nome de *Comawini* (mappa de Hondius). *Camawini* escreve Levinus Hilsius (1599); *Comawini* novamente Bry (1599-1624). Outra edição posterior de Hondius (1608) tem *Comawinni*. *Comawyny* escreve Tatton (1608). No mappa de Joannes de Laët (1625) encontro *Quanaoneny*, a mesma fórma em Blaeuw (1631). No mappa de Dudley (1648) existe *Coenawini*; *Conavini* escreve N. Sanson (1656). *Quanawyni* se vê no mappa de Voeght, autor hollandez (1680-1730); *Cohany* o inglez Frager (1698). O cartographo francez Sr. d'Auville (1729) escreve *Coanawini*. No mappa que acompanha o pequeno livrinho de Barrère (Nouvelle Relation de la France equinoxiale 1743), figura o mesmo rio com o nome de *Cahani*, voltando a apparecer o de *Coanawini*, n'aquelle do capitão inglez Thompson (1783). Simon Montelle « Carte de la Guyane » (1778-1779) escreve *Conani*. Só posteriormente principia a apparecer em autores francezes, o modo de escrever « *Comany* », usual na sua litteratura ainda hoje, nome que na pronuncia de outros povos daria « *Cunany* ». *Finalmente repito o que eu já disse em outra parte (conf. « Naturforscherfahrt » pag. 3, nota), que o nome do rio, tal como elle é pronunciado hoje pelos proprios indigenas de lá, sôa distinctamente* ***Goanany.***

Esta digressão será justificada pela intenção de chegar a um resultado acerca de um modo correcto de escrever e de pronunciar o nome. Levei annos a meditar sobre a etymologia verosimil, deixando eu ainda em 1897, no precitado trabalho de entrar no assumpto. Se a applicação da lingua geral, do Tupí, fôr premissa admissivel em relação á prehistoria do littoral da Guyana, entre Oyapock e Amazonas, como estou convencido hoje, visto que a filiação tupí é averiguada para diversas tribus que por lá residiram e em parte ainda residem, embora reduzidas e rechassadas para o interior como os Palicur, Oyampí, Aramisa (Aramichaux), ha entre diversas hypotheses etymologicas possiveis duas menos inverosimeis :

I) Do nome, que fóra de duvida é composto de duas palavras, a segunda — *wini* — que com tanta tenacidade volta nos primeiros e mais antigos

(1) Por isto mesmo porém tenho as minhas duvidas acerca da veracidade do que é dito nas palavras acima :— « amigos dos Arruans ». A' vista do tradicional odio de raça que separava tribus do tronco Nu-Aruak das tribus do tronco Caraïba constituira singular excepção da regra. Quem sabe se não houve ahi um *lapsus calami*, devendo ser o theor do texto original « inimigos dos Arruans » ?

autores e cartographos, significa «agua estagnada, parada, de mau gosto e fedorenta». (1) E' a mesma que entra na composição de tantos outros nomes guyanezes — (Calçoenne, Oucapoienne, Maproene, Maroni (antigamente Marawini), Correntyne, Ourwine, etc.) e que se pode chamar muito significativa visto tratar-se de um lado de rios lamacentos no seu curso inferior e com pouca movimentação das suas aguas na sua emboccadura e por outro lado de lagos e lagunas. (2)

(1) Inê=agua fétida, agua podre: rio fetido ou pestilento (Ramiz Galvão, Vocabulario guarany da conquista Espiritual de Montoya. Annaes da Bibliotheca Nacional Vol. VII, 1879, pag. 203); — Ynê=fedor (Montoya, Vocabulario e tesoro», pag. 10. Nueva Edicion 1876, pag. 175) Inî=verb. intrans. estar assentado; pousado (R. Galvão pag. 173). Inî=hamac (Lucian Adam. Grammaire comparée de la Famille Tupi» 1896, pag. 104) Aliás é interessante ver, que a noção de *agua simples* (aqua lat.) soa de um modo singularmente semelhante a este «inê, wini» em grande numero de linguas de Indios da America do Sul septentrional. Extrahi de Martius (Glossarium) a seguinte serie:

yni—Indios Tariana.
weni—I. Baniva.
uni—I. Baniva.
uny—I. Mariaté.
uni—I. Baré.
unu—I. Kechua.
oinoe—I. Oregones.
uni—I. Moxos.
une—I. Kokama.
une—I. Maypure.
uni—I. Uirina.
ony—I. Iucuna.
ony—I. Uainumbé.
ain—I. Pebas.
wuni—I. Aruac (Surinam).
oni—I. Guianau.
ueni—I. Tamanaco.
oni—I. Palicur.

Os primeiros cinco já Martius reune n'um grupo «Baré», de filiação *Nu-Aruak;* á mesma filiação subordinam-se provavelmente ainda diversas das outras citadas, com certeza pelo menos os Aruac e os Maypures, — ao todo seguramente sete dialectos. Esta circumstancia, é digna de occupar a nossa attenção, bem como o facto do «unu» da lingua Kechua (vetusta e de tanta importancia na linguistica indigena da Sul-America) e do «oni» da lingua dos indios Palicur (de filiação Tupi).

(2) É digna de attenção a circumstancia, que os rios «Con*awini*» (Goanany) e «Corro*suine*» (Calçoenne) são precisamente aquelles dois do littoral Guyanez, onde, conforme as informações por nós *in loco* obtidas, o phenomeno da *pororóca* não se observa. O «Cassiporé» (Cassipurogh dos antigos) por exemplo, porque não termina tambem o seu nome da mesma forma? Porque tem pororoca, como já deixa ver a composição do seu nome. «Poré-poró» exprime assim na terminologia india exactamente o sentido contrario a palavra «wini», significando a primeira o movimento de agua ruidoso e barulhento, a segunda o silencio, a ausencia de vida de aguas estagnadas.

Seja-me permittido n'esta occasião expôr as minhas idéas ácerca de mais alguns outros nomes do littoral guyanez. Procedi a estas pesquizas, movido pelo desejo todo pessoal de ganhar uma opinião independente, como estas e aquellas localidades, por nós visitadas, deveriam ser escriptas correctamente. É possivel porém, que os resultados da minha meditação sejam taxados de alguma utilidade mais geral.

Araguary. Pareceu-me algum tempo, que a primeira parte do nome d'este rio — composto de duas palavras — não fosse talvez outra cousa senão o nome do povo «Arruáu», á vista do modo de escrever-se nos antigos autores: Arrowari (Keymis), Arrawari (Harcourt), Arouary, Araouary. Compare-se a visinhança das «Ilhas dos Aruáns» (pag. 34) e a circumstancia, que as terras propriamente do Cabo do Norte figuram em alguns mappas antigos com a designação «Cabo» ou «Provincia dos Arruacas».

Abandonei todavia esta idéa, reconhecendo que a etymologia: arúr=o que traz queda [aruái=o mau gracejador] + arib=penca, espiga («o que traz i. e. offerece quédas em penca») — quadra mui bem para um rio tão encachoeirado, qual o é o Araguary.

Cassiporé. (Cachipour dos autores francezes). A etymologia me parece aqui de facil explicação:

caá-matta;

II) Quanto á primeira palavra (Quana—Coena—Coana) não estou igualmente certo. Temos comtudo « guananã » == pato, ave aquatica, composição que

ci (si)=borbulho, de liquido em effervescencia

por (pora) =(sauter, saillir) pullar, saltar [o mesmo radical que entra na composição de *pororoca* (mascaret), que julgo quanto a primeira parte, provir do verbo «pora» com reduplicação onomatopaica— e oca (casa, rasidencia): ao pé da lettra «casa pulos-pulos» i. e. casa das aguas, ondas pullantes]. Ha aliás o verbo intransitivo *pororog* =estrondar, estalar, rebentar —(Voc. Conquista pag. 422), cujo gerundio é *pororóca*—o que leva directamente á uma solução satisfactoria.

A significação reconstituida do nome Cassiporé seria assim: «Jorro d'agua do mato que vem pullando».

Compare-se o antigo modo de escrever: Cassipurogh (Harcourt), Caipurogh (Keymis) etc. Seria possivel, que no nome «Cassiquiare» entrassem os mesmos dois primeiros radicaes?

Onçapoyene. Á primeira vista parece esta forma de escrever ser bastante estragada. Todavia a reconstrução não é difficil:

eça=olhos

eçapód (r)=(fazer saltar os olhos (confere Ramiz Galvão, Vocab. *Conquista* pag. 89): «saltam-lhe os olhos a olhar cousas tão bonitas»)

ini =agua parada, lagôa.

Ao pé da lettra: «agua que faz saltar os olhos (de tão bonita). Ora, tal significação quadra muitissimo bem para o Lago Novo ou Onçapoyene, que é o maior de todos entre muitos no Cabo do Norte, exprimindo bem a admiração, que as suas grandes dimensões, a perder de vista, devem causar ao visitante.

Oyapock. Acompanho aquelles autores que na primeira parte do nome (certamente tambem composto de duas palavras) reconhecem o O initial (aliás de importancia secundaria para o sentido) como particula possessiva da terceira pessoa sing.; y (ya),= agua. Na segunda parte do nome porém—«poc»—vejo ne radical verbal abreviado, de póka, púka—arrebentar, estourar. (R. Galvão, Vocabulario pag. 101; Montoya. Voc. pag. 312)—L. Adam, Fam. Tupi pag. 129).

Antigas maneiras de escrever foram Wuiapoco, Onaipoco, Yapoco; por todas ellas se vé, que o primeiro O é comprido, diminuindo-se logo qualquer tentativa de composição com adjectivos (por exemplo pucú etc.) e verbos com accento no vogal final, por que este se teria conservado através do tempo.

Tem se procurado derivar o nome Oyapock de duas palavras do dialecto Oyampi. Ora, esta argumentação já pecca pela circumstancia d'ella fazer suppôr, que Oyampí e Tupí fossem cousas diversas, quando o Oyampí não é senão uma giria de lingua Tupí, como a filiação Tupí para a tribu Oyampí é facto universalmente acceito entre os ethnologos. Aliás já o seu proprio nome depôz em favor d'esta: o—yéa—nambi (o=elle; yéa—elle fenda-se, elle racha-se; nambi—obulo da orelha)—aquelle que se fende o lobulo da orelha, coincide precisamente com as relações de viagens, que uniformemente dizem, que os Oyampis tem como signal nacional caracteristico orelhas pendentes, muito fendidas.

Anauerá-pucú. Nome de rio consideravel, na margem esquerda do Amazonas.

anauerá =nome de uma arvore, muito conhecida na região amazonica (Licania macrophylla Klotzsch) «Bol. do Museu paraense» Tomo III, fasc. I, pag. 29, notavel por um tronco comprido e erecto.

pucú=comprido.

Quadra esta composição muito bem, com a feição hydrographica do rio Anauerá-pucú, que tem um curso recto, notavelmente livre de curvas e sinuosidades (Confere a descripção no «Relatorio sobre uma missão ethnographia e archeologica etc.», «Bol. do Mus. Par.» Tomo II, fasc. I).

Guya-pucú. Nome de um furo insignificante, ligando a costa com o Rio Gaulhoão, e seccando periodicamente no verão. Ouve-se, as vezes tambem a forma abreviada, Yapucú. Vem certamente de:

guayá =caranguejo [Uca una]

pucú=comprido.

O «guayá» é animal caracteristico do littoral lodoso e natural é que entra no longo da costa do Brazil na composição do nome de muitas localidades. Já o venerando Martius, explica por exemplo o nome «Guajará», (de bahia e tribu paraense) como proveniente de:

guayá=cancer

guára =dominus, significando: «Senhor, Dono dos caranguejos». [Martius Gloss. Ling. Brazil pag. 119].

Os moradores da costa distinguem o «guayá» ou «goayá» («caranguejo do mangal»)—*Grapsus cruentatus*— e o «guayá-uuú» (caranguejo grande).— *Uca una*, *Uca cordata* [uú =cuspir, babar]. Não ha quem não saiba d'isto desde o Pará até Rio de Janeiro e de lá até o Rio Grande do Sul.

Maracá. Nome tanto de um rio a margem esquerda do Amazonas, como bem assim de uma consideravel Ilha, anteposta ao territorio do Cabo do Norte.

É sabido que o nome provém de «maracá» dos Indios, («matraca» portuguez), do chocalho, que os aborigenas usavam e usam ainda geralmente nas suas solemnidades e danças.

bem assentaria para explicar o nome do rio, como elle é actualmente pronunciado «Goanany», dando directamente o sentido «agua, rio de aves

Jipióca. Nome de um extenso banco, entre Cabo do Norte e a Ilha de Maracá. Parece que foi antes uma Ilha; hoje está debaixo do nivel do mar, em toda sua extensão. Para quem tem alguma noção do genio da lingua tupi, offerecem-se as etymologias seguintes:

ipii—(b)=arvore com filamentos (mangue)+oca=casa,

ipi-yúg=cousa mui podre, ou então

ypi-óca=onde houve primitivamente, antigamente, casa.

Approuague. Nome de um rio na Guyana franceza, logo proximo depois do Yapock. Tambem nome de uma fazenda e propriedade importante no Rio Capim (Est. do Pará, pronunciando-se lá «Approaga»).

apir=elevado (tope cabeça)

[*apiruá*=elevar-se do centro, resupino].

o acá=sua cabeça.

Cajary. Nome de um rio na margem esquerda do Amazonas, visinho do Maracá e Anauerá-pucú.

Não ha a menor duvida, que o nome n'esta forma é horrivelmente adulterado e truncado. Sabemos todavia que no tempo dos Hollandezes e Inglezes se escrevia «Okiary» ou «Okaiari». Além de haver hoje um peixe amazonico vulgarmente chamado «uacary» ou «acary» (Chaetostomus e outros Silurideos) temos:

ocai=elle se queima

aré=atôa, fora do tempo, temporão (o que corresponde com a antiga descripção da localidade contida nas palavras: «mais le lieu est en la plus part aride»), ou então

óka=casa

ari=sobre, encima (logar de casa em cima i. e. sobre a margem do rio).

Com o nome «Oakarys» houve tribu de Indios celebres na margem esquerda do Amazonas. Martius, Ethnographia pag. 729 e ha ainda hoje um macaco (Pithecia rubicunda etc.)

Uarimiuaka. Nome de um forte que os Inglezes tiveram, distante 5 legoas, rio para cima do forte «Tilletille» no Cajary. Afigura-se-me facil a etymologia:

uari (ba)=guariba (Mycetes)

+*mii*=mover-se, mexer-se

+*o. akã*=(sua cabeça) i. e. lugar, onde «guariba mexê com a sua cabeça» — nome feliz para uma localidade com matto virgem alto.

Tille-tille. Se o nome do forte era de origem indigena, como supponho, elle soffreu avaria. Será «tij-tij», reduplicatio do verbo «tij»=tremer?

A significação de «tremer-tremer», «tremer muito» conviria para um forte, pois é natural que os Indios deviam ficar impressionados com as detonações de peças.

Taurege. Nome de antigo forte inglez na confluencia do Maracá-pucú, destruido em 1629 por Pedro Teixeira. Á vista do antigo modo de escrever «Tauregue» (Gesse de Forest em 1623) é muito provavel a etymologia:

itá=pedra

raugue=cousa de burla, que engana, atôa—(l) ta-raugue, significação, que convém para uma fortaleza escondida, larvada:

Cumarú. Nome de antiga fortaleza, construida pelos inglezes (2 leguas ao Sul da actual fortaleza de Macapá-tomada por Feliciano Coelho de Carvalho em 1632:

A etymologia não apresenta difficuldade alguma:

cumá=nome generico (em tupi) para as fructas de vagem (feijão, etc.)

ú=comer, beber (logar onde ha vagens comestiveis).

Marioeay. Nome de antigo forte hollandez (Gurupá), preso em 1623 por Maciel Parente e Luiz Aranha de Vas-) concellos. A etymologia me parecia ser:

maraá=guerra, briga

+*óka*=casa

+*y*=agua (mara (a)—óka—y: agua (rio), onde ha de «guerra a casa»—significação que naturalmente muito bem quadra com o caso vertente, ou então:

mara-y=menos mal (adverb.)

+*óka*=casa

+*y*=agua, (i. e. rio com boa casa ou, como nós diriamos hoje «rio de casa confortavel»).

Não quero passar em silencio que o venerando Martius dá no seu Glossarium ling. bras. pag. 511 para o nome Maryhua (aldêa no alto Amazonas) a seguinte explicação:

mari=arvore Geoffroea;

aquaticas ». (Mas ha tambem « naná » = como nome indigena do ananas, que nos achamos em estado rustico n'aquella região). Ha outrosim a ar-

hy=agua
+*a*=demonstrativo: Locus Geoffraea iste .

(Outro Marioã existe ainda como affluente do Xingú, perto de Aveiros; na visinhança houve o antigo forte de Nassau). Isto equivaleria á « Umarisal », vox hybrida, com que a hodierna nomenclatura paraense designa suburbio da cidade de Belém.

Maruanúm. Nome de uma nação de Indios, que habitava as cabeceiras do Rio Araguary e da qual falla Antonio de Albuquerque em 1687, como sendo nação numerosa e forte. Afigura-se-me facil a etymologia:

maraá= guerra
+*anú* = os apparentados, compadres
(*maraá-anú*= os alliados de guerra).

No « Descobrimento » do Padre Christoval de Acunha (1641) appareceram, como Indios do interior da Guyana e da visinhança do « Lago Dorado », « Maraymumas » e « Guanibi »—correspondendo com os « Maruanuns e Anibas » de outros autores. A vista do modo de escrever de Acunha fica problematico se a etymologia do nome dos primeiros não será talvez:

mara-y=(adverb.) não mal
+*mung* = (monang, munang)= fazer (os que mal fazem).

Gurupá e gurupátuba. O primeiro é nome actual de umas ilhas grandes no canal Norte do Amazonas, o segundo o de um rio (o hodierno Mayeurú), desaguando no Amazonas, perto de Monte Alegre e bem assim de uma antiga missão que lá houve. Acerca de Guajara já Martins escreveu: «Etymologia valde dubia» (Gloss. pag. 501). Todavia cita, como solução aventual: Aliis Gurupé, in terris Amazonicis nomen arborum generis Licaniae. Acceitando esta idéa, e reccorrendo ainda o verbo (onomat. pá=labrar com machado, martello etc.), para explicar a syllaba final, temos originalmente:

gurupé-pá= por contração simplesmente
guru-pá=i. e. lugar da extracção da arvore Gurupé.

Á vista do que vamos dizer a respeito do nome seguinte, ganha essa nossa explicação bastante probabilidade. Aliás encontra-se na « Conquista Espiritual » directamente:

curúpá-y = arvore de feitiça
contrahido de *curú*=sarne, lepra
+*páb*=curar
+*y* (yba) = arvore—explicação, que tem a vantagem de não tornar necessaria uma agglutinação tão sensivel.

Ha finalmente ainda:

guirapá (iba)=arco de flecha, páo d'arco.

Mas, entre todas as explicações me parece preferivel a de:

corupá = lugar, sitio de roça, de plantação (como substantivo já usado na « Conquista » confere R. Galvão pag. 77). Por contracção de cog (a)= roça (subst.) +*rupi*=pelas (adverb.)

De facto apparece « Corupá » como modo usual de escrever nome nos mappas do meiado do seculo XVII (Pierre-du-Val; Comte de Pazon etc.)

Macapá. Fortaleza antiga, ainda hoje existente e cidade, quasi debaixo do Equador, na margem esquerda do Amazonas. Tendo sido, como já Martius refere, no seculo passado importante a extracção da madeira da arvore « macáca-iba », é verosimil a etymologia:

macáca= arvore
pá = lavrar (madeira), derrubar, macá (ca)—pá (por contracção): lugar de extracção de madeira macáca-iba.

Genipapo. Nome de um rio na margem guyaneza e nome da arvore Genipa americana, planta muito conhecida na região amazonica. Julgo que a etymologia seja:

ie= immundicie etc.
+*nipá*= ao pé d'elle, provavelmente com relação as fructas, que caindo maduras, apresentam aspecto feio.

Carapopáris. Antigo nome da ilha de Maracá, como tambem do canal entre esta e as terras do Cabo do Norte que chamava-se canal de Carapaporis. A França pretende ainda, que havia um braço septentrional do Araguary com o mesmo nome. A etymologia do nome Carapaporio embora não tentada ainda por ninguem ao que saiba—não offerece difficuldade:

cará (A-cará) = nomes de muitos peixes escamosos dos generos Acará e Heros
popór = verb. saltar, pular
adj. abundante, fertil, rico (composto de pó = mão e por = pular)
y = agua

« A cará popór—y », por agglutinação « Carapapori »: agua abundante em acarás. — Mostrei no meu trabalho « Pri-

vore « anany » (Symphonia globulifera) que Martius escreve « oanany » [Glossarium ling. bras. pag. 384], que com tanta frequencia se encontra

meira Contribuição ao conhecimento dos peixes da Amazonia e da Guyana» («Bol. do Mus. Paraense» Tomo II, pag. 443-484), e bem assim n'um outro, actualmente no prélo na Allemanha, intitulado: «O mundo dos peixes da Amazonia». (Prometheus, Berlim, 1900) o importante papel, que cabe aos Acarás no conjuncto ichthyologico de toda esta vasta região.

Mayacaré. A etymologia do nome d'esta bahia com rio, ao Norte do Amapá, para mim não é outra sinão:

ma=onde (adverb.)

yacaré= jacaré (Alligator). [Quanto a palavra jacaré nem Montoya nem R. Galvão dão um explis cação. Todavia ha:

y-acã-ré=na agua (sua) cabeça depois (de todo)

Camonixari. Nome antigo de um aldeamento de Indios extinctos (Marnanímus) no meio do Lago Novo, ante-Onçapoienne. Para quem conhece um pouco do tupi, é logo visivel, que a etymologia é:

cumumú çára=caçador

+*y*=agua.

Calçoene. A primeira vista parece um tanto rebelde a etymologia, para a qual aliás ainda vi ensaio em parte alguma. Contudo ha:

caá=matta

çu (?)=brotar, mergir, vir

ini=agua estagnada, rio lento, resultando a significação: «rio lento que brota (nasce) na matta. Não constitue absurdo, visto que coincide com o estado real das cousas no curso inferior.

Amapá. Ha ainda hoje uma arvore com o mesmo nome, frequente na Amazonia inferior e na Guyana. É uma Apocynacea, ainda não bem estudada, porém provavelmente proxima parenta dos generos *Couma* e *Hancornia*. Acerca da etymologia ha mais de uma conjectura:

I) *em* (bi) *a*= defluxo, catarrho

+*pa* (b)= curar (o leite do Amapá é affamado especifico contra as affecções catarrhaes),

II) *ama* (na)=chuva

pa= lavrar, martellar (ide. «o que chove ao lavrar», em relação ao leite que sae dos entalhos feitos com machado). Finalmente encontra-se na «Conquista»:

III) *mbapá*= o defuncto,—palavra guarany, que em tupí septentrional facilmente daria «Amapá» (O Amapá é um aterro sepulchral). Todavia «Mbapá» parece ser um termo do guarany ecclesiastico.

Piratúba.

pirá=peixe

tuba=fartura de:

Carapanatuba.

carapanã=mosquito

tuba=fartura de

Gurijúba. Nome tupi do Siluroideo Arius luciientis, como o de «Bagre» é para o Siluroideo proximo parente Arius herzbergi. Originalmente:

guiré=nome generico dos bagres

yub=amarella.

Tracajátúba.

Tracajá=Podocnemis, tartaruga fluvial.

tuba= fartura de

Sucurijú. Nome tupi para a grande serpente aquatica Eunectes murinus.

Sakaïsat. Nome applicado em alguns mappas recentes para certo lago no Cabo do Norte. Será um «mal entender» para «Assaï-sal», da mesma forma como o lago «Apezate» para «Uapé-sal», ambos «voces hybridae» dos quaes o primeiro quer dizer «palmeto de assahy» (Euterpe oleracea) e o segundo «tapete de napés (aguapé)», isto é, Nymphaea Rudgeana e outras plantas aquaticas?—Ha todavia ainda uma outra possibilidade:

çacar=agradar

+*eçá* (aitá)= olhos («o que agrada aos olhos»). Nota-se a semelhança com Onçapo enne.

Caripi. Nome de rio no extremo Norte. Parece-me provavel, que n'este nome (que aliás nus escrevem *Cu*ripí) se conserve uma reminiscencia dos Indios Caripús, que n'aquella região exactamente residiram no principio do seculo XVII, conforme Moquet. Os ditos Caripús eram de filiação Nu-Aruak, como resulta distinctamente pela sua aversão contra a anthropophagia, em uso entre os seus inimigos e turbulentos visinhos, os Caraïbas de Gayenne. (Certamente não tem nada a fazer com os hodiernos «Caripúnas» no Alto Amazonas, que são de filiação caraïba).

precisamente n'aquella região, que se pode muito bem chamal-a de caracteristica da zona em questão. [Veja «Naturforscherfahrt« pag. 18, 33]. (1)

A mais antiga indicação ethnographica que encontrei no material cartographico em relação ao rio, de que nos occupamos, acha-se no mappa de Blaeuw (1631), que marca mais ou menos em ponto que poderia coincidir, um aldeamento com o nome de *«Iayes»*. (2) O respectivo signal, um circulosinho preto, é posto no interior, assaz recuado da costa. N. Sanson (1658) denomina a costa ao Norte do nosso rio « pays Arricari » e põe em typo menor, assaz no centro da região, outro nome *«Maii»*, evidentemente como explicação do nome de indigenas lá residentes. No mappa de Le Febre de la Barre (1666) encontramos atravez da costa escripta a seguinte observação: « Costes fort basses inondées de hautes mers ou sont des arbres sur lesquels les Indiens ont leurs maisons », dando-se até uma figura de taes habitações, que corresponde áquella que la Barrère dá na pag. 141 com o termo « sura » no seu livrinho (1743).

Uaçá. Igualmente nome de rio na mesma região. Ha uma lenda indigena, tupi, na qual figura um pescador mythologico de nome « Uaçá ». Será o mesmo radical que entra nas palavras amazonicas:

(u) *assacú* = *Hura crepitans* («mancenillier») e
assa-hy = *Euterpe oleracea* ?

Urucauá. Nome de rio ainda na mesma região. A etymologia me parece facil:

urucú = Bixa orellana (roucou)
+ *cauá* = que contém, onde ha («onde ha urucú»), por agglutinação « urú-cauá ».

Escrevo o nome, como eu o ouvi pronunciar por lá; ha todavia quem escreve « Aricauá » e « Arucauá ».

Tururý. Nome de ilha antiga, proxima da de Jipioca e como esta desapparecida hoje. (Autores francezes fizeram d'isto um « Tourlouri » é o nome amazonico para os molluscos marinos, que furam os cascos dos navios de madeira; « Tururý » é outrosim uma variante para « sururina » (Crypturus pileatus), um pequeno Inhambú (Tinamidae), muito conhecido e caçado na Amazonia.

Em tudo isto não ha nada de novo para nós, residentes no Pará. Mas desde que houve ainda nos ultimos annos, quem fez lá pela Europa um « lago do Yac » para o « Lago da Jáca », um « lago dos Bougres » para um « Lago dos Bagres », um « lago Zeïba » para « Lago Eusebio », um « rio Sonje » para o « Rio Sujo », um « I. Bache » para o « Igarapé Baixo », um « Gurijupa » para o « Rio Gurijuba » dizendo que « Tartarugal » era nome Tupi e affirmando que no « Lago do Rey » se conservava a legenda de certo Rei muito poderoso da França, — quando não é senão o nome de uma das numerosas « reaes feitorias de peixe », que por ahi havia dessiminado sobre o Amazonas nos tempos coloniaes e como ainda nos ultimos dias, procurou-se em certo documento, mediante formidavel « mistura de gredos » adrede preparada, amalgamar cousas e nomes tão heterogeneos, como « Oyapock » — « Jaguarepepuca — Jipioca — Guayapucú », o que constitue verdadeiro caldeirão de bruxa de Macbeth, onde a mais insigne má fé e ignorancia palpavel vão de mãos dadas — á vista de taes perniciosos symptomas não será de todo dislocada e superflua esta digressão pelos dominios da nomenclatura geographica da Guyana.

Talvez volte a tratar d'este assumpto em ulterior trabalho especial.

(1) Finalmente não quero passar em silencio n'esta occasião, que sempre me pareceu haver um tal ou qual parentesco phonetico do nome « Goanany » (ou como elle soa atravez de todas essas diversas maneiras de pronunciar e de escrever) com o nome do paiz todo — Guyana. Pois este nome tambem passou por sensiveis transformações no correr do tempo, sendo notorio, que entre as mais antigas maneiras de escrever accentuam-se como principalmente persistentes as de *Guayana* e *Goayana*. Ora ha o « guayá » ou « goayá » — o grande caranguejo Uca una, que entrou incontestavelmente na composição de nomes de tantas localidades do littoral brazileiro e que tão caracteristica é para praias lodosas, de que não ha falta na costa guyaneza. D'elle tirou por exemplo o nome o insignificante furo « Guayapucú » ou « Yapucú » na contra costa da Ilha de Marajó. Em quanto não tiver etymologia mais plausivel, será permittido de ventilar a questão, se o « goayá » não pode ter entrado como radical principal no nome « Guayana ». E uma reconstrucção, sobre esta base, « Goayá-wini », como nome original eventual do nosso rio, seria ella de facto tão fóra de toda possibilidade? Excluidos porém me parecem ensaios de etymologia, recorrendo á palavra com trez syllabas sómente, como por exemplo « conamby » (cunamby) nome de um cipó « timbó » — aliás assaz conhecido e usado ainda na pesca pequena da Guyana e até no proprio Goanany, como lá poude ver pessoalmente. Só, outra vez, em combinação com uini, supponde « Conamb-ini ».

(2) O nome de Iayes, designando um povo de Indios, volta nos antigos autores ainda diversas vezes, ora assim escripto; ora como Yaes, Yayez, Yaos, Yahos. Foi Jean de Laet (Histoire des Indes orientales, Leyde 1640) já que os

N'um mappa de Pierre du Val (1664) nota-se nos fundos da costa de Mayés os *Palicours* e ao sul da respectiva zona os *Racalets* (Aricarets). A mesma diposição ethnographica repete-se no mappa de Guilherme Sanson (1680). Apparece d'aqui em diante nos mappas posteriores com regularidade o povo dos *Mayés*, quasi estereotypicamente com a nota acima citada acerca das habitações arboreas. Sufficiente clareza principia sobretudo a accentuar-se com o bello mappa de Guilaume de l'Isle (1703). (1)

Embora a lembrança d'este povo dos *Mayés* se tenha conservado até os nossos dias, no referido trecho do littoral da Guyana, pelo menos em alguns nomes de localidades situadas n'aquella zona [Costa de Mayés (entre Cassiporé e Goanany)—Monte Mayé (ao sul do rio Goanany, perto de sua bocca)—talvez tambem Mayacaré (mais para o sul]. discripção alguma se encontra na litteratura sobre elle, nem de seus costumes e numero, nem de sua lingua, origem e sorte posterior. Parece que foram os padres jesuitas, Jean Grillet et François Bechamel, que fazem a primeira citação d'elles, na relação da viagem realisada em 1674. Sabendo-se todavia, que estes dois padres nunca passaram ao sul do Oyapock é provavel que só ouviram fallar d'estes Indios, que talvez já n'aquelle tempo eram localisados mais ou menos lá, onde os colloca o mappa de La Febre de la Barre (1666), quer dizer entre os rios Hurine-Maré (= Ouiaca) und Hovi-cui, isto é no sertão entre Cassiporé e Oyapock. Cita-os conforme H. Coudreau, em 1729 o padre Fauque, indicando como a sua residencia as savannas dos arredores de Caripí, e bem assim o jesuita P. Lambard, em 1730. No pequeno mappa appenso ao livro de la Barrère (1743) (2) os Mayés acham-se indicados bastante para o sertão, além das cabeceiras do «Rio Palicours», que é a primeira ao Norte do «Rio Cahany»; como os seus visinhos figuram pelo Sul os Indios «Araunas» (?), no Hinterland do Rio «Maria Banaré» (= Mayacaré?), ao Norte os Palicours (3) em região que bem corresponde com os cursos d'agua, em parte importantes, intercalados entre Goanany e Cassiporé e por nós achadas na expedição de 1896. (Confere mappa do nosso trabalho «Naturforscher-Fahrt»).

É de deplorar, que não se sabe absolutamente nada do estado ethnographico encontrado no Cunany em principios de 1798, pelos padres jesuitas portuguezes Ferreira e Padilha, quando lá estabeleceram clandestinamente uma missão por ordem de M. de Malouet. (4) Se estes tivessem deixado uma relação da sua jornada (a missão já não existia em 1794), é provavel que d'ella ainda alguma luz proviria sobre o intrincado problema que ora nos occupa. Nós ainda vimos em 1896 o cacoal attribuido á iniciativa d'aquelles dous padres e ainda existente, embora em estado de censuravel abandono, á algumas horas de viagem em canôa da povoação, rio acima. Mas tambem nós em 1896, não encontramos mais um unico Indio no Cunany, sendo a população hodierna composta exclusivamente de immigrantes do Estado do Pará e de outros Estados visinhos, predominando visivelmente os descendentes de mocambistas da costa paraense (Curuçá, São

descreve como moradores do littoral guyanez. Por Lucien Adam (Grammaire comparée des dialectes de la famille Caribe, Paris 1893, pag. 3), sabemos que os tues Iaeys ou Yaos pertencem ao tronco ethnologico Cariba e por notas marginaes em antigos mappas, como o de Blaeuw (1631) vê-se que elles se comportaram hostilmente nos encontros com os navegadores hespanhoes.

(1) Este cartographo dá em relação aos Palicours o commentario especial: «Amis des François».

(2) Alias uma simples reproduçao do mappa de Trager, que appareceu em 1698, perto de 50 annos antes.

(3) N'uma estampa (pag. 15) acha-se á figura de uma cabeça de Indio Palicour, com uma linha correndo de uma orelha á outra, margeando todo o rosto, e com anel no nariz. Pag. 14 escreve: «Les François appellent ces sortes de marque «Barbe de Palicour; les sauvages les nommeus Jouparats».

(4) Confer. Joaquim Caetano da Silva, «L'Oyapock et l'Amazone pag. 166 seg. e o meu trabalho «Naturforscher-Fahrt» pag. 47.

Caetano, Vigia, etc.), vindos desde a guerra da cabanagem até os ultimos annos do Imperio. Nem os mais velhos entre os actuaes moradores do Cunany, pode lembrar-se de ter visto ainda Indios no percurso do rio, nem mesmo nas suas cabeceiras, ao passo que a todos consta a existencia de Indios nos Rios Uaçá, Caripí, em summa no sertão Cassiporé e Oyapock, embora em numero reduzido e singularmente contrastando com as indicações, que certos autores puzeram em circulação. Citam-se de tribus ainda por lá existentes os Palicours [Curipí, Uassá. Urucauá], Uayanes (Roucouyennes), estes retirados de novo desde meiado d'este seculo mais para o alto Oyapock, dizendo-se todavia que antes desciam de vez em quando até o Cunany, Aruas [Uassá], Piriús [Oyapock], Oyampís [alto Oyapock, Serra Tumuc-Humac], Emerillons [Camopí]. No littoral além do Oyapock seguem os Galibis—Caraibas estes, bem como os Piriús e os Uayanes (Roucouyennes), (1) ao passo que os Emerillons, os Aramisa. Oyampí e Palicour são de filiação Tupí.

Do Cunany ao Sul ha em todo o littoral a mesma completa extincção dos Indios: nem no Calçoene, no Amapá, no araguary, nem em qualquer outro tributario da margem esquerda do Rio Amazonas descem elles mais até o curso medio, quanto mais a foz. E isto desde dezennios. O que de Indios ainda ha n'esta parte da Guyana, será tudo concentrado na Serra de Tumuc-Humac e nas cabeceiras de alguns dos rios maiores, como o Oyapock, o Araguary, o Jary, o Parú, etc. [2]

D'esta critica situação da ausencia de quaesquer dados positivos e pormenores acerca dos Indios, que antigamente habitavam o littoral da Guyana, resulta fatalmente a impossibilidade de formular-se uma conclusão algo certa sobre os auctores da ceramica descripta na presente memoria. Eram os Indios Mayés, moradores em habitações arboreas, os olleiros dos bellissimos vasos funerarios retirados dos dois poços artificiaes no Monte Curú do Cunany? É possivel, mas não podemos affiançal-o, porque nem ao menos da sua lingua conservou-se o mais insignificante rudimento. Foram os Indios Arricarés, que levantaram o «teso» ou aterro sepulchral onde hoje se acha a povoação do Amapá? [3] A nossa resposta não pode ser senão a mesma. Comtudo provavel é que não foi a mesma tribu, que fez os toscos potes no Amapá e as artisticas urnas do Cunany.

Diremos ainda de passagem, que umas urnas zonarias figuradas na pag. 164 do livro de H. Crevaux sorprehendem pelo parentesco intimo em feitio e estylo com as dos extinctos Cunany-uáras. Foram achadas, ao que parece, n'um tributario esquerdo do Rio Oyapock.

(1) Caraïbas eram tambem além de muitas outras tribus os Acoquas visinhos, e amigos dos Piriús e residentes no Camopi e curso medio do Oyapock. No livro de Barrère (pag. 15) ha uma figura da cabeça de um Indio Acoque, mostrando que uma penna, enfiada na pelle da região temporal de cada lado, constitue o signal da tribu.

(2) Citam-se nada menos do que 53 nomes de tribus de Indios que se diz terem habitado o triangulo costeiro da Guyana, formado pelas emboccaduras dos rios Amazonas e Oyapock e as cabeceiras d'este. E mais ou menos um terço que se conhece ainda hoje, mas tres sómente existem em nossos dias no littoral —Galibís [Caraïbas], Palicours [Tupí] e Aruans [Nu-Aruak], muito reduzidos pelo menos os dois ultimos e prestes de estinguir-se. No resto do dito terço que se suppõe no interior ha ainda muita tribu problematica e quanto á avaliação do total de Indios selvagens encontrado na Serra de Tumuc-Humac, orçado em 50.000 individuos por H. Coudreau (France Equinoxiale, Paris 1880, pag. 439), julgo que soffrerá, á luz de novas e serias explorações, uma reducção abaixo da quinta parte.

(3) Os Arricarets, que o Padre Biet diz, terem habitado uma região de Macari—região de beijos ininterrompidos, tendo as suas malocas em pequenas collinas, distantes trez leguas da costa, emigraram ao que parece em 1652 para o littoral além do Oyapock. Ja no mappa de Frager (1698) estão localisados no Oyack, perto de Cayenne, e o Padre Grillet os cita como antigos possuidores da Ilha de Cayenne. Sabe-se que eram alliados dos Galibís e inimigos dos Palikours (filiação Tupi), o que torna provavel que pertenceram á familia Caraiba.

Concluindo apontamos para a perfeição na forma e nos ornamentos da antiga ceramica do Cunany, que em nada é inferior á dos aterros sepulchraes da Ilha de Marajó. Merece a louça funeraria ora descripta d'aquelle ponto remoto do littoral guyanez, ser collocada directamente ao lado d'aquella da grande ilha equatorial e d'aquella de Mirakanguera, no Amazonas. Pertence, como a dos outros pontos, incontestavelmente aos melhores productos ceramicos conhecidos dos indigenas da região amazonica, e fazendo concorrencia com os mais afamados artefactos peruanos. rivalisa na primasia, na categoria de objectos «que representam talvez a suprema producção artistica jamais attingida por indigenas da Sul-America cis-andina». *Ora, constituindo o alto grau de perfeição alcançada na ceramica, conforme os nossos conhecimentos actuaes, uma prerogativa e titulo de honra da Familia dos Nú-Aruáks («Boletim do Museu Paraense» Tomo II, pag. 409 seq; 411), significativo criterio acreditamos possuir para julgar pelo menos da filiação ethnologica dos extinctos olleiros Cunany-uáras.*

Encerrando o presente trabalho, direi que o escrevi em quinze dias incompletos, mas que levei por contra quatro annos a preparal-o. É a metade quasi do prazo aconselhado pelo preceito horaciano. Quanto ao texto esforcei-me de conservar-me o mais possivel no terreno dos factos, ligando a maior importancia á descripção exacta dos productos ceramicos e das circumstancias exteriores, em que estes foram encontrados. Era desejavel um complemento explicativo sobretudo em relação a certos pormenores, que não podem ser percebidos nas figuras, que compõem as quatro estampas. Quanto á parte illustrativa, ouso esperar que alcançamos de perto o nosso supremo empenho — absoluta fidelidade. Ao mesmo tempo acredito, que o seu estudo deixará ao leitor agradavel impressão pelo lado esthetico.

Ambos prefazem um conjuncto, onde na verdade de um merecimento eventual maior quinhão cabe a boa vontade, do que a competencia profissional. Diz-me a consciencia, que este amoroso ensaio, cuja origem é intimamente ligada ao caracter do Museu Paraense, constitue uma pequena contribuição para o conhecimento dos aborigenes, outr'ora residentes na Amazonia inferior e na Guyana brazileira em geral e um fragmento de valor para a reconstrução e a comprehensão da individualidade intellectual e cultural de certos extinctos Indios guyanezes em especial. Em relação aos aborigenes da foz do Amazonas, vem o nosso despretencioso trabalho collocar-se ao lado dos trabalhos anteriores de Hartt, Ferreira Penna, Ladislau Netto e Barbosa Rodrigues; em relação porém, aos Indios do littoral guyanez, entre Amazonas e Oyapock, vem a ser o primeiro e unico existente na materia.

Litteratura principal relativa á ceramica dos Indios da Amazonia inferior

Ch. F. Hartt. — *The ancient indian pottery of Marajó*, Brazil.
The American Naturalist, Salem, Mass. 1871, Vol. V, pag. 259-271. (No mesmo volume ha um importante artigo do mesmo autor sobre: «Brazilian Rock inscriptions» pag. 139-147).

Idem — *Evolution in ornament.* The Popular Science monthly New-York 1875, pag. 266-276. (Uma traducção em lingua portugueza appareceu nos Archivos do Museu Nacional, Vol. VI, 1886 pag. 95-108, no capitulo X, intitulado: «A origem da arte ou a evolução da ornamentação».

Idem — *Notes on the Manufacture of Pottery among* savage *races.* Publicação avulsa 70 pag. em 8.º «printed and published at the office of the ‹South American Mail› Rio de Janeiro 1875».

Idem — *Contribuições para a Ethnologia do valle do Amazonas.*— Archivos do Museu Nacional Vol. VI, 1886, pag. 1-174. (No principio do n.º 2 da presente lista falla o Prof. Hartt de ter prompto para entrar no prélo um livro sobre ‹Antiquities of Brazil›. Não me consta porém ter sido publicado tal livro).

Domingos Soares Ferreira Penna. [1] — *Apontamentos sobre os Ceramios do Pará.* Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Vol. II, 1877 pag. 47-67 com dois Appendices: «Urnas de Maracá» (pag. 69-71 e «Observações sobre duas urnas etc.» pag. 73-76.
Indios de Marajó. Forma o capitulo XI das supra-mencionadas ‹Contribuições etc.» do Prof. Hartt nos Archivos do Museu Nacional 1886, pag. 108-116.

Ladislau Netto. — *Investigações sobre a Archeologia Brazileira.* Archivos de Museu Nacional do Rio de Janeiro. Vol. VI, 1885.
Capitulo I: A Ilha de Marajó. pag. 261-370.
Capitulo II: Cabeças de idolos e adornos anthropomorphos da ceramica dos mound-builders de Marajó e de outras localidades do Amazonas, etc., etc.
Grande trabalho (occupa perto de 2/3 do respectivo Volume), importante pelo lado illustrativo.

Barbosa Rodrigues. — *A necropole de Mirakanguéra.* Nas ‹Antiguidades do Amazonas», *Vellosia* Contribuições do Museu Botanico do Amazonas, (reedição), Rio de Janeiro 1892.

[1] Confere a litteratura appensa á Biographia de F. Penna por José Verissimo, ‹Boletim do Museu Paraense› Tomo I, pag. 74.

EXPLICAÇÃO DAS ESTAMPAS

A) Estampa orientando sobre a situação das cavernas funerarias em forma de botta, descobertas e exploradas no Monte Curú perto de Cunany.

Fig. 1. Corte ideal atravez do Monte Curú.

Fig. 2. Corte longitudinal atravez de uma caverna funeraria e sua projecção.

B) Estampa I. As fileiras no meio da Estampa dão o aspecto geral do conjuncto da collecção de vasos inteiros retirados dos dous poços funerarios.—[Os numeros das figuras maiores correspondem, tanto n'esta, como nas outras estampas, com os respectivos numeros das fileiras do meio].

Figuras maiores, com os pormenores dos vasos n.os 3, 18, 14, 5, 6' 19, 7. Figura 7.a: o vaso em forma de chapeu, visto de cima.

C) Estampa II. Vistas frontaes das urnas n.os 9, 17, 15, 10—; as tres primeiras com figuras anthropomorphas em relevo; a urna n.o 10 com aza zoomorpha.

Fig. 15 b. A urna n.o 15, vista de baixo.

Fig. 18 b. A urna n.o 18, vista de baixo.

D) Estampa III.

Fig. 1 a. Vaso em forma do bandeja, vista de cima.

Fig. 1 b. O mesmo, visto do lado menos largo.

Fig. 1 c. O mesmo, em posição obliqua, para deixar vêr melhor os enfeites zoomorphos: as azas lateraes (acutí-purú) e ornamentos diagonaes (ave. com azas abertas).

Fig. 4, 2, a, 2 b, 8, com figura zoomorpha de perereca (Hyla) vasos em forma de alguidares, e seus pormenores.

Fig. 20. A pedra granitica, lavrada, que servia de marco para reconhecer exteriormente a situação das cavernas funerarias.

Fig. 21. Machado de pedra, encontrado no Cunany.

Fig. 22. Uma aza zoomorpha de vasos devoluta e isolada, encontrada com outros fragmentos de louça nas cavernas do Cunany.

[N. B. acerca das dimensões confere as medidas exactas indicadas no capitulo descriptivo].

Pará, Janeiro 1900.


cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 SciELO 13 14 15 16 17 18 19 20 21

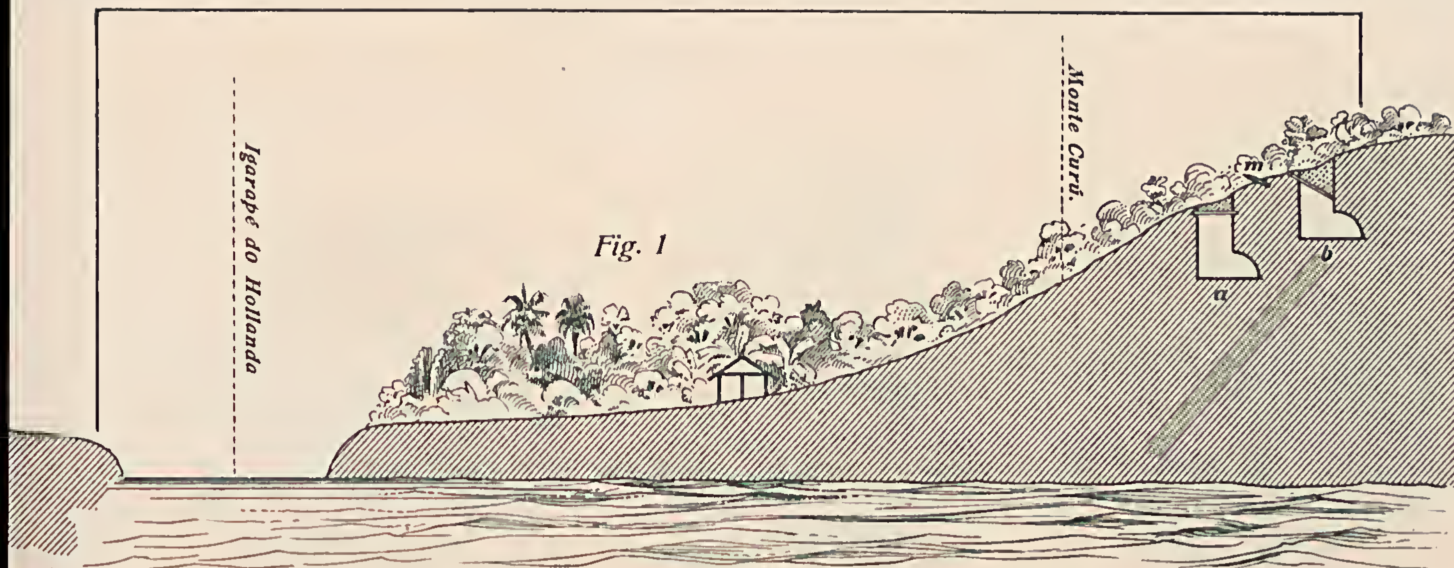
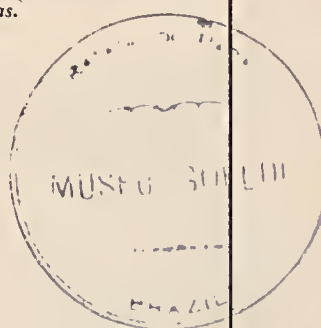


Fig. 1. Corte ideal atravez do Monte Curú, para demonstrar a situação das cavernas funerarias.



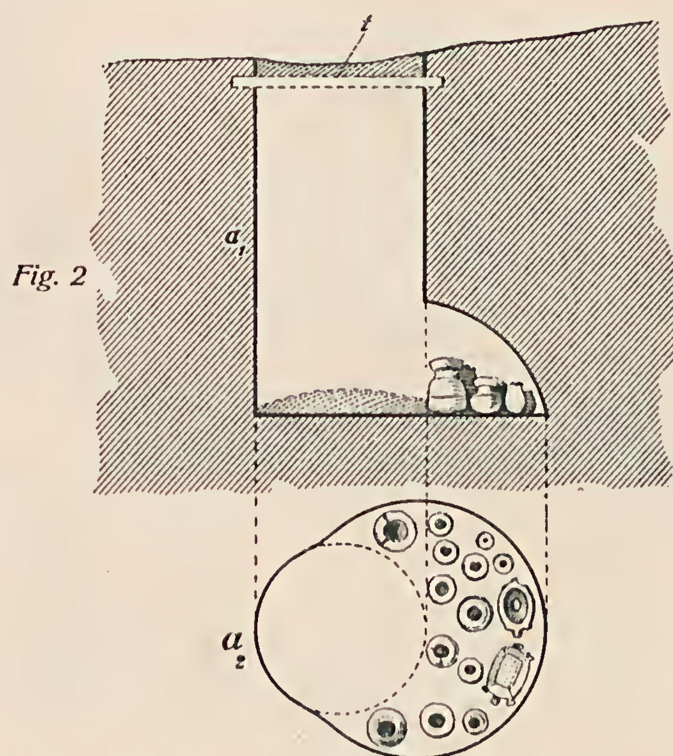
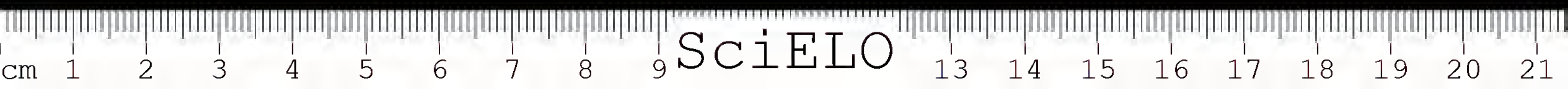


Fig. 2. Corte longitudinal atravez de uma caverna funerarea e sua projecção.

Cavernas funerareas artificiaes de Indios hoje extinctos, encontradas em Goananý (Counaný) — Guyana brazileira (1895.)

Dr. E. A. Goeldi del.

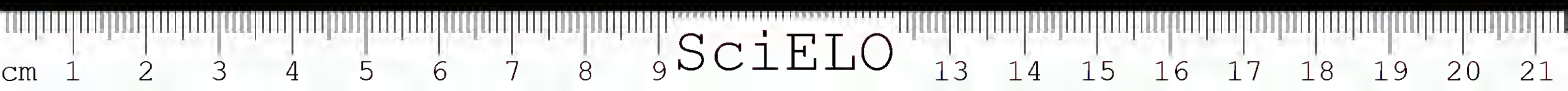

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9
SciELO
13 14 15 16 17 18 19 20 21



lith. Museu Paraense (F. Lohse)

phot. et dir. Dr E. A. Goeldi

Ceramica de Indios extinctos no Counaný (Guyana brazileira)


SciELO


9


17


15ª


10


15ᵇ

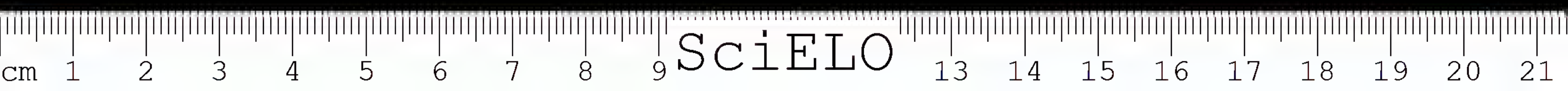

18ᵇ

lith. Museu Paraense (E. Lohse)

phot. et dir. Dr. E. A. Goeldi

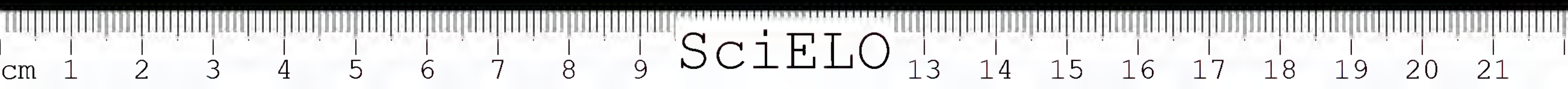
Estab. Graphico C. Wiegandt - Pará

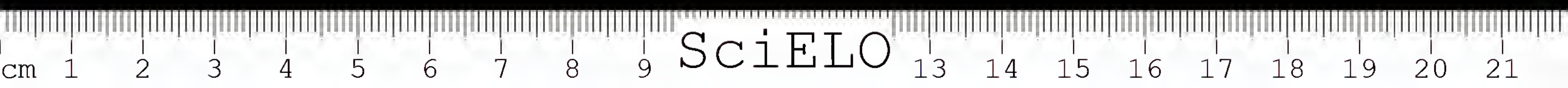
Ceramica de Indios extinctos no Counaný (Guyana brazileira)


cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 SciELO 13 14 15 16 17 18 19 20 21



Ceramica de Indios extinctos no Counany (Guyana brazileira)


cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9
SciELO
13 14 15 16 17 18 19 20 21


cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9
SciELO
13 14 15 16 17 18 19 20 21

